

PARÁ **Industrial**

ABRIL 2015 • ANO 7 • EDIÇÃO 30

ENCANTO AMAZÔNICO

**JOIAS DA REGIÃO CONQUISTAM MERCADO
INTERNACIONAL COM PEÇAS
PRIMOROSAMENTE ELABORADAS**



SESI faz da Educação de Jovens e Adultos oportunidade de crescimento.



TURNO DO FUTURO

Na escola SESI os trabalhadores da indústria têm acesso gratuito a Ensino Fundamental e Médio. E isso com um programa de ensino especial, dirigido a suas necessidades profissionais, e um sistema de aulas com horários flexíveis que permitem o acompanhamento do curso sem interferência nos seus turnos de trabalho.

Para os trabalhadores da indústria, de qualquer setor, a escola SESI é uma porta para o crescimento pessoal e profissional. **Venha crescer nas escolas SESI. Invista no seu futuro.**

Conheça as escolas SESI no Pará com Educação de Jovens e Adultos:

- Belém (Icoaraci)
- Ananindeua
- Santa Isabel
- Castanhal
- Altamira
- Marabá
- Santarém
- Paragominas
- Parauapebas
- SESI Indústria Saudável (Belém)

Matrículas abertas.
Informações: (91) 4009-4921

Visite: www.sesipa.org.br



SESI

Uma iniciativa da Indústria Paraense

38

Reforma e ampliação do Sesi investe em trabalhador

40

Empregado é essencial para o sucesso da organização

42

Setor de aplicativos desponta como modelo de negócios

46

Coaching: capacitação para aprimorar profissionais



24

JOIAS PARA EXPORTAÇÃO

Peças elaboradas na Amazônia ganham o mercado internacional ao aliar beleza e requinte com elementos regionais

14

Mesmo com potencial para crescer, Marajó não consegue se desenvolver. Faltam investimentos e mais políticas públicas

20

Ações de responsabilidade social apontam legado positivo deixado pela indústria para a sociedade paraense

28

Empresas investem em boas práticas ambientais para gerar produtos mais competitivos e com valor agregado

34

Negócios ganham um novo aliado com as possibilidades apresentadas pela tecnologia da Realidade Aumentada

SEÇÕES

↳ **Editorial**
Pág. 5

↳ **Radar da Indústria**
Pág. 6

↳ **Direitos e Deveres**
Pág. 32

ARTIGO

↳ **José Maria Mendonça**
Pág. 36



NÃO PODEMOS SER EXCLUSIVAMENTE EXPORTADORES DE MATÉRIA-PRIMA. OS NÍVEIS MAIORES DE GERAÇÃO DE RENDA ESTÃO NAS FASES FINAIS DO PROCESSO PRODUTIVO."

ENTREVISTA com Adnan Demachki, secretário estadual de Desenvolvimento Econômico, Mineração e Energia. **Pág. 10**

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO PARÁ - SISTEMA FIEPA QUADRIÊNIO 2014/2018

PRESIDENTE

José Conrado Azevedo Santos

VICE-PRESIDENTES

Sidney Jorge Rosa • 1º Vice-Presidente
 Gualter Parente Leitão • 2º Vice-Presidente
 Manoel Pereira dos Santos Júnior
 Nilson Monteiro de Azevedo
 Roberto Kataoka Oyama
 Hélio de Moura Melo Filho
 José Maria da Costa Mendonça
 Luiz Otávio Rei Monteiro
 Juarez de Paula Simões
 Marcos Marcelino de Oliveira
 Carlos Jorge da Silva Lima

SECRETÁRIOS

Elias Gomes Pedrosa Neto • 1º Secretário
 Antonio Djalma Souza Vasconcelos • 2º Secretário

TESOUREIROS

Ivanildo Pereira de Pontes • 1º Tesoureiro
 Roberto Rodrigues Lima • 2º Tesoureiro

DIRETORIA DA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO PARÁ - SISTEMA FIEPA QUADRIÊNIO 2014/2018

Antonio Pereira da Silva
 Pedro Flávio Costa Azevedo
 Rita de Cássia Arêas dos Santos
 Cezar Paulo Remor
 Antonio Emil dos Santos L. C. Macedo
 Solange Maria Alves Mota Santos
 André Luiz Ferreira Fontes
 Raimundo Gonçalves Barbosa
 Frederico Vendramini Nunes Oliveira
 Darci Dalberto Uliana
 Fernando Bruno Barbosa
 Neudo Tavares
 Armando José Romanguera Burle
 Paulo Afonso Costa
 Nelson Kataoka

CONSELHO FISCAL

Efetivos:
 Fernando de Souza Flexa Ribeiro
 Luizinho Bartolomeu de Macedo
 Lísio dos Santos Capela

Suplentes:

José Duarte de Almeida Santos
 João Batista Correa Filho
 Mário César Lombardi

DELEGADOS

Efetivo junto à CNI:
 José Conrado Azevedo Santos
 Sydney Jorge Rosa

Suplentes junto à CNI:

Gualter Parente Leitão
 Manoel Pereira dos Santos Júnior

SUPERINTENDENTE REGIONAL DO SESI

José Olímpio Bastos

DIRETOR REGIONAL DO SENAI

Gerson dos Santos Peres

DIRETOR REGIONAL DO IEL

Gualter Parente Leitão

CHEFE DE GABINETE DA FIEPA

Fabio Contente Biolcati Rodrigues



ABRIL DE 2015

ANO 7 • EDIÇÃO 30

temple
COMUNICAÇÃO

PRODUÇÃO

Travessa Benjamin Constant, nº 1416
 Bairro Nazaré | Cep: 66035-060
www.temple.com.br
temple@temple.com.br

REDAÇÃO

Coordenação: Solange Campos
Edição: Lorena Montenegro e Yorranna Oliveira
Textos: Adriana Ferreira, Fernando Alencar, Fernando Gomes, Jobson Marinho, Lorena Montenegro, Paloma Miranda, Valéria Barros e Yuri Age
Foto de capa: Aldrige Neto
Produção fotográfica: Lorena Montenegro e Valéria Barros
Projeto gráfico: Calazans Souza
Tratamento de imagem e diagramação: Antônio Machado e Calazans Souza
Revisão de texto: Cintia Correa
Revisão de conteúdo: Ivanildo Pontes

Agradecimentos: Júlia Mendes (Consórcio de Joias do Pará)
 Joia usada na capa: Colar Curupira (Consórcio de Joias do Pará)

PUBLICIDADE

Temple Comunicação
temple@temple.com.br
 (91) 3205-6504
Impressão: Marques Editora
Tiragem: 15.000 exemplares

* As opiniões contidas em artigos assinados são de responsabilidade de seus autores, não refletindo necessariamente o pensamento da Fiepa.



FALE COM A PARÁ INDUSTRIAL

www.fiepa.org.br

Assessoria de Comunicação do Sistema Fiepa
 Travessa Quintino Bocaiuva, nº 1588, 7º andar.
 CEP: 66035-190. Belém (PA). (91) 4009-4815 / 4816 / 4817
 Comentários e sugestões de pauta: ascom@fiepa.org.br

facebook
 Curta
 /sistemaFiepa

twitter
 Siga o nosso perfil
 @sistemaFIEPA

flickr
www.flickr.com/photos/sistemafiepaweb



2015 TROUXE O TSUNAMI, BLINDEMOS NOSSAS INDÚSTRIAS

JOSÉ CONRADO SANTOS

PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO PARÁ - SISTEMA FIEPA

No ano passado, o Pará obteve o melhor desempenho de produção industrial do Brasil. Basicamente, por causa dos nossos minérios, conseguimos manter o ritmo da indústria paraense, não deixando que ela seguisse os passos dos demais estados que, impactados pela crise, vêm sofrendo fortes abalos nesse importante setor econômico. Apesar do resultado nos ser favorável e do cenário de investimentos para o período de 2015 a 2020 – que indica a injeção de R\$ 175 bilhões em nossa economia –, é preciso dar mais atenção às indústrias que estão fora da dinâmica mineral. As indústrias tradicionais, dos segmentos da pesca, fruticultura, agroindústria, alimentos e bebidas e indústria florestal não vivem um cenário tão positivo quanto a nossa indústria mineral.

E é pensando sempre no fortalecimento da cadeia produtiva como um todo, que o Sistema Fiepa, neste ano de 2015, promoverá a 12ª edição da maior vitrine de produtos genuinamente paraenses. A Feira da Indústria do Pará (Fipa), realizada no período de 6 a 9 de maio, no Hangar, deverá reunir cerca de 100 empresas de diferentes setores que darão provas à sociedade local de que a nossa indústria vai muito além dos minérios que são extraídos do solo do nosso Estado.

Ressalto que nossos minérios são importantíssimos para a indústria, governo e sociedade paraenses, mas é preciso que todos nós saibamos que além de ser uma superpotência mineral - com grandes indústrias que nos orgulham de estarem neste solo fértil que é o nosso – somos também um estado com múltiplas possibilidades econômicas. E a Fipa tem este objetivo que lhe é bastante peculiar: ser a vitrine da produção *made in Pará*.

Em um ano em que o cenário econômico e político nos indica graves problemas de desaquecimento econômico, é urgente que ações de blindagem ao nosso parque industrial sejam promovidas pelo Sistema Fiepa, governos e pelas próprias indústrias a fim de que permaneçamos e, até mesmo, superemos o bom desempenho de 2014. Não será fácil, mas quem disse que nossa meta não pode ser auda-

çiosa? Na expectativa de tentarmos a mitigação dos impactos dessa onda, que está mais para tsunami do que para uma 'marolinha', iremos, na programação paralela à Feira, propor debates e soluções aos danos causados à nossa economia. O atual ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), Armando Monteiro Neto, já confirmou presença e deverá aproveitar a ocasião para fazer o lançamento do Plano Industrial da Amazônia, documento que trará uma série de ações para o desenvolvimento da indústria regional.

A questão energética, o problema da falta de água e a elevação dos custos produtivos estão impactando diretamente nos investimentos do setor industrial, que começou o ano de 2015 enfraquecido e mais pessimista em relação aos outros anos. Pesquisa recente da Confederação Nacional da Indústria (CNI) mostra que nos últimos 12 meses, o Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI) acumula queda de 12,2 pontos percentuais e já registrou o pior resultado desde janeiro de 1999, quando a CNI iniciou a pesquisa. Isso indica que nossos empresários estão mais cautelosos, no entanto, num cenário de crise, além da prudência, é necessário sermos arrojados e criativos.

O que pode parecer uma relação dicotômica é, na verdade, a combinação válida para que nossas indústrias continuem avançando e seguindo a linha ascendente para o crescimento da produção local. A Fipa é uma dessas ações de fortalecimento. Trabalhando o mercado interno, apresentando a nossa diversidade de produtos e a qualidade da produção made in Pará, penso que estamos caminhando para que o público paraense se sensibilize e aposte cada vez mais na indústria local, responsável não só pela extração e beneficiamento dos minérios, mas também do pescado, madeira, produtos da agroindústria e muitos outros itens. ☑



RADAR DA INDÚSTRIA



HOMENAGEM AO MINISTRO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO

O Sistema Fiepa já bateu o martelo e definiu quem será o mais novo agraciado com a maior honraria do setor industrial paraense. Em maio deste ano, a Federação entrega ao atual ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Armando Monteiro Neto (foto ao lado), a medalha do Mérito Industrial “Simão Miguel Bittar”. O homenageado se junta a um *hall* de personalidades, empresas, instituições públicas, civis, militares e eclesiais que tenham se destacado por relevantes serviços prestados ao Pará. Entre os agraciados com a medalha, criada em 1979, estão os empresários Roberto Kataoka e Oswaldo Tuma; Eliezer Batista, primeiro presidente da Vale; Konrad Karl Seibel, fundador da Cerpa; o ex-governador Almir Gabriel; e as empresas Freire Mello, Tramontina, Sococo e Agropalma.



ANANINDEUA GANHARÁ ESCOLA DO SESI

Foram concluídas no mês de fevereiro as obras da nova escola do Sesi Pará. A unidade fica em Ananindeua e conta com projeto voltado para a sustentabilidade, com captação de água da chuva e reaproveitamento do recurso, além de sistema fotovoltaico que utiliza painéis de captação de energia solar. O prédio já serve de referência para outros projetos de engenharia e arquitetura na região metropolitana de Belém e em outros municípios paraenses. As dependências são adaptadas para alunos com necessidades especiais e a unidade ainda possui laboratórios de ciências e informática, além das aulas do Lego Zoom e Eureka.in, metodologias inovadoras que apresentam conteúdos em formatos mais atraentes aos alunos, como projeções em 3D. A nova escola receberá alunos da Educação Básica, inclusive com turmas de Educação de Jovens e Adultos, cursos de Educação Continuada e Pré-vestibular.



SENAI TERÁ ESCOLA FLUVIAL

O Senai assinou convênio com a Universidade Federal do Pará (UFPA) para o desenvolvimento, por meio do curso de Engenharia Naval, do projeto de construção da primeira Escola Fluvial da instituição. O projeto da embarcação do Senai prevê a criação de salas de aula e de, pelo menos, nove modernos laboratórios para a realização de cursos nas áreas de informática, alimentos, confecção, refrigeração, soldagem, mecânica e construção civil. A expectativa é que 900 pessoas sejam capacitadas na embarcação, a cada vez que ela atracar em um município ribeirinho, oferecendo cursos gratuitos. Com mais essa iniciativa, o Senai visa contribuir para o desenvolvimento do Arquipélago do Marajó, região que registra o pior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do país, segundo o IBGE.

AULAS DO COZINHA BRASIL

Qualidade, sabor e economia não faltaram nas receitas ministradas durante a edição do programa Cozinha Brasil, realizada em Belém, na sede do Sistema Fiepa. Funcionários da Federação e seus familiares aprenderam a montar um cardápio saudável sem prejudicar as finanças. O programa é desenvolvido pelo Serviço Social da Indústria (Sesi) e percorre todo o território nacional. As empresas podem solicitar uma turma para seus trabalhadores pelo **e-mail**: qualidadedevida@sesipa.org.br ou nos telefones (91) 4009-4920 / 4975.



SEBRAE PARÁ TEM NOVA DIREÇÃO

No começo deste ano, foi empossada a nova diretoria do Conselho Deliberativo Estadual (CDE) do Sebrae Pará, que tem o empresário Fernando Yamada pela quinta vez na presidência. Fabrizio Guaglianone, antes no comando do Imetropará, foi escolhido para assumir a superintendência da instituição nos próximos quatro anos. Juntam-se aos dois empresários, o ex-secretário de Estado de Pesca e Aquicultura, André Pontes, nomeado para a Diretoria Administrativo e Financeira do Sebrae e Hugo Suenaga, que está à frente da Diretoria Técnica. Antes de entrar para a diretoria do Sebrae Pará, Suenaga estava à frente da unidade do Senai Marabá.

COOPERATIVA FORTALECE AGRICULTURA FAMILIAR



A agricultura familiar em Juruti ganhou uma grande aliada: a Cooperativa de Trabalhadores da Agricultura Familiar (Cooafajur). Atualmente, a cooperativa conta com 29 cooperados, integrantes do Programa de Agricultura Familiar da Alcoa – que beneficia cerca de 200 famílias.

MÃO DE OBRA LOCAL COMO PRIORIDADE

Mais de 80% dos 1.561 funcionários da unidade da Alcoa em Juruti são paraenses – sendo que o percentual estabelecido em audiência pública é 70%. Do total de trabalhadores, 534 são naturais da cidade ou nela moravam quando foram contratados. É um dos maiores índices de absorção entre empresas que atuam no setor mineral no Pará.

INCENTIVO AOS MICRO E PEQUENOS NEGÓCIOS

➔ *Fabrizio Guaglianone, diretor-superintendente do Sebrae Pará*



Atual diretor-superintendente do Sebrae Pará, o administrador Fabrizio Guaglianone tem, para os próximos quatro anos, a missão de modernizar a gestão e reforçar as ações em prol do fortalecimento dos micro e pequenos empresários paraenses. Na entrevista a seguir, o gestor – que soma ao currículo as presidências do Imetropará e do Conselho de Jovens Empresários do Pará (Conjove) – fala sobre o cenário da informalidade no Estado, os problemas que impedem o fortalecimento das MPE, o Super Simples e as estratégias de atuação da entidade.

Mesmo integrando o setor que mais contribui para a economia paraense, as Micro e Pequenas Empresas (MPE) enfrentam uma série de problemas que reduzem o ciclo de vida dos empreendimentos. Como o Sebrae atuará para fortalecer esse importante segmento da indústria local ?

O Sebrae dá a sua contribuição para a mudança desse cenário naquilo que está alinhado a sua missão. Nossas ações focam na gestão dessas empresas, preparando os negócios para o mercado e dando oportunidade para serem mais competitivos. Podemos citar o tripé: excelência na gestão, inovação e tecnologia. De forma prática, temos o “Prêmio de Competitividade para Micro e Pequenas Empresas”, que reconhece os empreendimentos que adotam conceitos e boas práticas de gestão; o “Sebraetec”, programa que aproxima os pequenos negócios dos prestadores de serviços tecnológicos, cujo 80% do valor dos serviços são subsidiados pelo Sebrae; e o programa “Agentes Locais de Inovação”, que leva para dentro dos negócios um agente capacitado para orientar os empresários a inovar.

Mais especificamente sobre a burocracia excessiva, os custos tributários e os problemas logísticos, o que o Sebrae pretende fazer para reduzir os impactos junto às MPE ?

Sobre desburocratização e tributos, o melhor exemplo é a Lei Geral das Micro e Pequenas Empresas, que vem mudando de forma positiva o cenário brasileiro para os pequenos negócios, simplificando os custos tributários. O Sebrae tem um papel decisivo para a aplicação da legislação nos municípios, incentivando e apoiando tanto a regulamentação quanto a implementação, sensibilizando e divulgando os benefícios para os empresários e para a economia. Em se tratando de logística, nosso papel é atuar como articulador de políticas públicas e na tomada de decisão para chegar às soluções de gargalos que possam emperrar a produção e o seu escoamento.

O Pará, diferente da maioria dos estados brasileiros, ainda não utiliza o sublimite máximo de R\$ 3,6 milhões do Regime Simplificado Simples Nacional. A elevação do teto do Simples será uma bandeira da atual gestão ?

Essa é uma questão que temos a maior responsabilidade em tratar, com foco em um direcionamento técnico, mas sempre pensando no melhor para os pequenos negócios. Os sublimites têm previsão na Lei Geral das MPE, ao definir os tetos de acordo com a participação do Estado no PIB brasileiro. Não podemos deixar de ressaltar que ano passado demos um passo muito importante com a assinatura, pelo governo do Pará, do Decreto Estadual nº 1116, que elevou o sublimite de R\$ 1,8 milhão para 2,5 milhões. Isso resulta da parceria entre Sebrae, classe empresarial e governo. A medida passou a vigorar neste ano e, acreditamos que deva impactar positivamente nos negócios e na economia paraense, criando oportunidades de maiores investimentos e, conseqüentemente, ampliando a geração de emprego e aumento de consumo.

A informalidade ainda é um entrave para o fortalecimento econômico do Pará. Existe alguma ação específica que possa acelerar o processo de formalização ?

Desde a sanção da Lei Geral das MPE, o cenário tem sido cada vez mais favorável à criação e ao desenvolvimento dos pequenos negócios. Com a Lei Complementar 128, de 2008, foi criada a figura do Microempreendedor Individual (MEI), que é quem trabalha por conta própria, tem, no máximo, um empregado e não tem sócio ou filial da empresa. Graças à legislação, cerca de 5 milhões de empreendedores brasileiros, dos quais aproximadamente 120 mil do Pará, saíram da informalidade e passaram a ter uma série de benefícios, como a facilidade de acesso a serviços financeiros, ganhos mercadológicos – podendo fornecer nota fiscal –, e acesso à Previdência Social (direito à aposentadoria por tempo de serviço, acidente, seguro maternidade e licenças remuneradas). O Sebrae, além de orientar e incentivar a formalização como MEI, oferece capacitação para a categoria, por meio de oficinas específicas para esse público, em áreas de gestão. Além disso, o MEI pode ser atendido por programas como o “Negócio a Negócio”, uma estratégia de atendimento em que um agente de orientação acompanha o microempreendedor. Acreditamos que não basta levar à formalização, mas também preparar os negócios para se manterem e crescerem no mercado. <

DESENVOLVIMENTO LOCAL COMO PRIORIDADE

Criada no final do ano passado, para substituir a Secretaria de Estado de Indústria, Comércio e Mineração (Seicom), a Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico, Mineração e Energia (Sedeme) assumiu as atividades do antigo órgão e ganhou também outras funções que têm um objetivo em comum: viabilizar a entrada de novos projetos no Pará. Com os investimentos no Estado, será possível contribuir para a geração de renda e tributos na região, promovendo o desenvolvimento da economia e da sociedade paraenses.

Com foco na verticalização de produtos - para que as empresas tenham mais independência de terceiros, mais lucro, mais autonomia e tenham domínio sobre tecnologia própria -, a Secretaria é formada por cinco diretorias e é comandada por Adnan Demachki, ao lado das secretárias adjuntas Maria Amélia Enriquez e Dyjane Chaves Amaral.

Assim como a equipe que reuniu para ajudá-lo a gerenciar as demandas e tarefas da Secretaria, Demachki tem um currículo cheio de reconhecimentos. Foi vice-prefeito de Paragominas e prefeito por dois mandatos. Como gestor municipal, foi eleito três vezes “Prefeito Empreendedor do Pará” pelo Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae). Também conquistou o prêmio Chico Mendes de Meio Ambiente com o projeto “Paragominas Município Verde”, desenvolvido na cidade para combater o desmatamento e retirá-la da lista dos principais desmatadores do País. A iniciativa foi replicada para todo o Estado do Pará e até hoje serve de inspiração para novas experiências pautadas no compromisso com o meio ambiente.

Para saber um pouco mais sobre o trabalho que será desenvolvido à frente da Sedeme, a Pará Industrial conversou com o secretário. Confira a seguir, ponto a ponto da entrevista.



**A Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico, Mineração e Energia começou a funcionar este ano, quais são as atividades e as medidas que a sociedade pode esperar e cobrar da atual gestão?**

A Sedeme assumiu novas funções como a energia, a área estratégica de parcerias público-privadas e concessões para viabilizarmos, em especial, a logística para o crescimento econômico, entre outros pontos. Formamos uma bela equipe, estamos criando com as demais secretarias da área de produção e com a Sectet, a Semas e o Iterpa, um Conselho de Desenvolvimento Econômico para que nossas ações tenham sinergia com as áreas de Licenciamento Ambiental, Regularização Fundiária e Educação Tecnológica. Enfim, esperamos muito trabalho.

Quais são as suas missões à frente da Secretaria?

Há duas ações de grande importância. A busca da verticalização [estratégia que mostra o panorama de produção interna de uma empresa, onde ela produz tudo o que usa no produto final], da agregação de valor aos nossos produtos, já que não podemos mais ser meros exportadores de matéria-prima. Buscamos ações que nos garantam um salto na área de logística com parcerias público-privadas e concessões, para que possamos melhorar nossa infraestrutura para o desenvolvimento econômico.

De que forma o trabalho da Sedeme vai contribuir com o crescimento da indústria paraense?

Devemos diversificar nossa indústria. O primeiro passo foi dado. Já recebemos oficialmente a manifestação de interesse de uma grande empresa do agronegócio de capital franco/argelino, que decidiu implantar uma esmagadora de soja no Estado. Acabamos de conceder incentivos fiscais para a Cargill Agrícola implantar uma indústria em Castanhal, que permitirá o primeiro processamento do cacau, que é de altíssima qualidade.

O incentivo fiscal também é uma alternativa para estimular a instalação de empresas no Estado, porém de que forma e em quais situações essa alternativa será aplicada?

Fizemos a primeira reunião da comissão de incentivos fiscais logo no dia 12 de janeiro e aprovamos incentivos para dez projetos. Já estamos finalizando os projetos de lei que serão encaminhados para aprovação da Assembleia Legislativa do Pará (Alepa). Eles permitirão a prorrogação dos incentivos fiscais às empresas paraenses, assegurando mais e maior competitividade à indústria paraense, grande anseio do setor produtivo. Acreditamos que nossa indústria tem que ser competitiva e os incentivos fiscais têm grande importância nesse cenário.

Tendo em vista a busca permanente por agregar valor aos produtos paraenses como uma das prioridades anunciadas pela atual gestão, quais as ações e os projetos que a Sedeme fará para alcançar essa construção de valor?

Todas as ações da Secretaria, como incentivos fiscais, Selo de Prioridade, financiamento pelo Banco do Produtor* para licenciamento ambiental e outras, possuem o critério da verticalização. E esse esforço tem que ser conjunto, do governo e do empresariado. Não podemos ser exclusivamente exportadores de matéria-prima. Os melhores empregos e níveis maiores de geração de renda estão nas fases finais do processo produtivo.



DEVEMOS DIVERSIFICAR A NOSSA INDÚSTRIA. NÃO PODEMOS SER EXCLUSIVAMENTE EXPORTADORES DE MATÉRIA-PRIMA. ESTAMOS FINALIZANDO PROJETOS DE LEI PARA A PRORROGAÇÃO DE INCENTIVOS FISCAIS ÀS INDÚSTRIAS PARAENSES, ASSEGURANDO MAIS E MAIOR COMPETITIVIDADE."

* O Banco do Produtor é um Fundo para o Desenvolvimento Sustentável da Base Produtiva do Estado do Pará, do Banpará, que financia investimentos de empreendimentos econômicos visando a diversificação e a transformação da base produtiva do Estado do Pará além de contribuir para a geração de emprego e renda.

Quais as ações e projetos serão feitos pela Sedeme para alcançar essa construção de valor?

O Selo de Prioridade que a Sedeme concede é para projetos estratégicos para a região, que postulam licenciamento ambiental e registro na Junta Comercial do Estado do Pará.

E as licenças para a instalação de novos empreendimentos? Haverá mudanças no processo? Qual o impacto socioeconômico dessa alteração?

A Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Sustentabilidade (Semas) faz parte do Conselho de Desenvolvimento Econômico e se relaciona permanentemente com as secretarias da área de produção sobre o licenciamento ambiental. O secretário [de Meio Ambiente] Luiz Fernandes está absolutamente empenhado na eficientização das ações de sua secretaria. Inclusive, como tenho a experiência de gestão municipal, o programa Municípios Verdes está trabalhando para sensibilizar e apoiar os municípios paraenses (pelos menos os maiores) a assumirem suas gestões na área ambiental. Não é admissível que qualquer pequeno projeto no interior precise do licenciamento da Semas. Cada município deve assumir o licenciamento dos empreendimentos que têm impactos somente municipais e a Semas deve licenciar os empreendimentos que têm impactos regionais. Se isso ocorrer, desafoga a Secretaria Estadual. Isso é perfeitamente possível. Tivemos essa boa experiência em Paragominas, que possui a gestão plena na área ambiental.

A Sedeme também irá articular alternativas para driblar os altos custos de geração de energia? De que forma?

Criamos um grupo de trabalho bipartite do governo do Estado com as federações. Esse grupo de trabalho, que reúne inclusive os melhores técnicos, irá nos apresentar os caminhos. ↩

BUSCAMOS AÇÕES QUE GARANTAM UM SALTO NA ÁREA DE LOGÍSTICA, PARA QUE POSSAMOS MELHORAR NOSSA INFRAESTRUTURA PARA O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO."

📌 O Selo de Prioridade é uma iniciativa criada pela antiga Seicom para estabelecer critérios na concessão do reconhecimento às empresas. Para obtê-lo, os empreendimentos devem estar em municípios com taxa de pobreza acima de 40,05% – índice divulgado anualmente pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); agregar valor à produção por meio da verticalização do insumo local e promover atividades econômicas de bens e serviços ainda não existentes no Estado.



Marajó enfrenta barreiras para crescer

COM ENORME POTENCIAL, ARQUIPÉLAGO AINDA PRECISA SUPERAR GARGALOS PARA ESCAPAR DO SUBDESENVOLVIMENTO

Região conhecida pelo potencial turístico e pela riqueza de recursos naturais, como o potencial hídrico, o Marajó é formado por um conjunto de ilhas que abrangem 16 dos 144 municípios do Pará. Porém, um destaque negativo o projeta no cenário nacional: o arquipélago obteve um péssimo desempenho no Índice de Desenvolvimento Humano por Município (IDHM), divulgado em 2013 pela Organização das Nações Unidas (ONU). Os municípios marajoaras estão entre os 50 piores IDHMs do Brasil. Melgaço está no topo do *ranking* com o pior índice do país.

Esses dados revelam a dificuldade da população marajoara em acessar serviços públicos de educação e saúde. Além dessa carência, o IDHM também acusa a baixa geração de renda, que está relacionada com a falta de investimentos em infraestrutura para atrair empresas capazes de ajudar no desenvolvimento econômico e social da região.

“Sem investimentos, é difícil querer que empresas se instalem. Não temos uma boa infraestrutura nem mesmo para o turismo, que é uma das grandes vocações do Marajó. Há muita falta de vontade política, em especial do Governo Federal”, diz Consuelo Castro, presidente da Associação dos Municípios do Arquipélago do Marajó (Amam) e prefeita de Ponta de Pedras.

OPORTUNIDADES PARA INSTALAÇÃO DE INDÚSTRIAS

Os desafios para a instalação de indústrias no Marajó começam na logística de transporte. O modal viário mais empregado, tanto para a condução dos moradores quanto para o escoamento da produção, é o hidroviário. E linhas aéreas regulares para o arquipélago não existem. Os voos para a região se resumem aos da Força Aérea Brasileira e de algumas empresas de táxi aéreo.

Empresário do ramo agroindustrial, Paulo César Quartiero é proprietário de uma fazenda de arroz em Cachoeira do Arari, município do leste marajoara. A carência de infraestrutura adequada de transporte e a escassez de energia são as principais dificuldades apontadas por ele na região.

“Utilizamos o transporte fluvial e o terrestre, o que é um problema porque encarece o produto e complica a operacionalidade logística. Só temos acesso ao porto duas vezes por dia, pois no Marajó as viagens dependem das marés e o nosso escoamento não tem como fugir disso”, explica.

A oferta de energia também é um grande desafio. A distribuição é domiciliar e se resume praticamente

ao centro dos municípios. Mesmo com os avanços do programa “Luz Para Todos” o quadro de atendimento ainda é precário, principalmente na área rural.

Números de 2007 da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (Sudam) apontam que em 14 dos 16 municípios da região (exceto Portel e Gurupá), apenas 46,5 mil (57,9%) dos 80,2 mil domicílios possuíam energia elétrica. O problema de fornecimento de energia também afeta o interesse das indústrias, que precisam investir em geradores para se instalarem no arquipélago. “O Pará fornece energia para todo o Brasil, mas nós, aqui do lado de Belém, não temos fornecimento. Na plantação, nossa energia vem de um gerador. Se houvesse um fornecimento melhor seria muito mais fácil ter indústrias para desenvolver o Marajó”, acredita Quartiero.

Apesar dos desafios, a região também apresenta vantagens para alguns setores da indústria, como é o caso da Acostumado Alimentos, empresa de Quartiero.

“Aqui as terras são planas, razoavelmente férteis e a abundância de água é outra vantagem. A região é muito interligada à baía, então a água para a fazenda de arroz é praticamente inesgotável e isso diminui o custo com irrigação. Só fica complicado em épocas muito chuvosas, pois isso dificulta o cultivo”, ressalta o empresário. ➔





Além da abundância de água, os municípios do Marajó apontam possibilidades para uma série de empreendimentos capazes de equilibrar o desenvolvimento econômico, social e ambiental. As principais atividades econômicas do arquipélago são a pecuária, a agricultura e o extrativismo vegetal, e todas elas podem ser aproveitadas pelo setor produtivo de forma sustentável.

“A região dispõe do maior rebanho de bubalinos do país e utiliza pastos naturais. Por isso, a exploração de leite e produção de queijo marajoara destaca-se como promissora, pois é uma atividade

tradicional da região e já conta com o selo de certificação de qualidade emitido pelo Estado do Pará. Outra atividade de forte potencial são as espécies nativas produtoras de óleos vegetais. Essas podem e devem ser trabalhadas para produção de cosméticos e produtos farmacológicos”, explica o técnico de planejamento da Sudam, Everaldo Martins.

O setor pesqueiro e a cultura de açaí, desde que organizados de forma profissional e responsável, também estão entre os principais geradores de renda da região e podem se tornar alvo de grandes empreendimentos.

“Aqui as terras são planas, razoavelmente férteis e a água é abundante. Mas só temos acesso ao porto duas vezes por dia. Dependemos da maré e isso dificulta o escoamento da produção.”

PAULO CÉSAR QUARTIERO,
AGROINDUSTRIAL

INCENTIVO AO EMPREENDEDORISMO E À AGRICULTURA FAMILIAR

A pedido do Governo do Pará, a Companhia de Desenvolvimento Econômico do Estado do Pará (Codec) está elaborando um projeto de incentivo à agricultura familiar na região do Marajó. Os municípios atendidos serão Melgaço, Afuá, Gurupá, Anajás, Bagre, Breves e Curalinho, todos na área de florestas, lado oeste do arquipélago. Esses municípios, que têm cerca de 200 mil habitantes, possuem poucas alternativas para o próprio sustento.

Para o presidente da Codec, José Severino Filho, a preocupação do projeto é garantir o sustento das famílias. “Vamos investir em pequenas agriculturas de mandioca, hortaliças e frutas como açaí, banana e mamão, além de cana para consumo caseiro. Entendemos que primeiro é necessário garantir o consumo das famílias. A partir disso, o pequeno agricultor pode vender o produto excedente e, quem sabe, abastecer Belém em um futuro próximo”, explica Severino. Só depois da conclusão do projeto, prevista para o primeiro semestre deste ano, haverá uma previsão para realizá-lo.

FOMENTO PARA O MARAJÓ

O Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, regional Pará, vai dar partida, no mês de maio, aos estudos de localização para a implantação de uma unidade do escritório Regional Metropolitano Belém e Marajó no município de Breves. Na base, serão atendidas demandas dos setores econômicos de móveis, açaí e pesca. “Nossa expectativa é implantar o escritório ainda este ano”, destaca André Pontes, diretor administrativo e financeiro do Sebrae-PA.



SENAI LEVARÁ CAPACITAÇÃO

Para contribuir com o desenvolvimento do Marajó, o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) assinou, no início do mês de fevereiro deste ano, um convênio com a Faculdade de Engenharia Naval, da Universidade Federal do Pará (UFPA), para a construção da Escola Fluvial. A embarcação terá salas de aula e laboratórios para a oferta de cursos nas áreas de informática, alimentos, mecânica, construção civil, confecção, refrigeração e soldagem.

Segundo o diretor regional do Senai, Gerson Peres, apesar do Marajó não ser uma região com muitas indústrias, a qualificação profissional pode ser fundamental para mudar a realidade dessa localidade pouco assistida. “Precisamos, primeiramente, olhar para a necessidade das pessoas. Temos a certeza de que esses cursos, com alta empregabilidade, irão proporcionar a geração de emprego e renda para a população, que terá mais oportunidades inclusive em municípios vizinhos. Nosso objetivo primordial com esse projeto é contribuir para elevar o IDH do Marajó, que é o menor do país”. ➡

O ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO POR MUNICÍPIOS NO PARÁ É ALARMANTE

Baseado nos dados do Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o IDHM mede o nível de desenvolvimento humano de determinado município. Os critérios dos indicadores são: Educação (alfabetização e taxa de matrícula), Longevidade (expectativa de vida ao nascer) e Renda (PIB per capita).

O índice varia de zero (pior índice) a um (melhor índice). IDH até 0,499 é considerado baixo. Entre 0,500 e 0,799, médio e IDH superior a 0,800 é avaliado como alto.

Abaixo de 0,499, o desenvolvimento humano é considerado muito baixo. O Pará tem oito municípios nessa faixa. Os baixos somam 88. A mesorregião do Marajó possui seis municípios com IDHM muito baixo e outros oito com índices classificados como baixo. Apenas Salvaterra e Soure possuem o desenvolvimento humano considerado médio.



- IDHM: muito baixo
- IDHM: baixo
- IDHM: médio



(0 a 0,499)

MUITO BAIXO

AFUÁ

35.042 hab.
IDHM 2010:

0,489

Faixa do IDHM:
Muito Baixo
(IDHM entre 0 e 0,499)

ANAJÁS

24.759 hab.
IDHM 2010:

0,484

Faixa do IDHM:
Muito Baixo
(IDHM entre 0 e 0,499)

BAGRE

23.864 hab.
IDHM 2010:

0,471

Faixa do IDHM:
Muito Baixo
(IDHM entre 0 e 0,499)

CHAVES

21.005 hab.
IDHM 2010:

0,453

Faixa do IDHM:
Muito Baixo
(IDHM entre 0 e 0,499)

MELGAÇO

24.808 hab.
IDHM 2010:

0,418

Faixa do IDHM:
Muito Baixo
(IDHM entre 0 e 0,499)

PORTEL

52.172 hab.
IDHM 2010:

0,483

Faixa do IDHM:
Muito Baixo
(IDHM entre 0 e 0,499)

BREVES**92.860 hab.**IDHM 2010: **0,503**
Faixa do IDHM: **Baixo**
(IDHM entre 0,500 e 0,599)**CACHOEIRA DO ARARI****20.443 hab.**IDHM 2010: **0,546**
Faixa do IDHM: **Baixo**
(IDHM entre 0,500 e 0,599)**CURRALINHO****28.549 hab.**IDHM 2010: **0,502**
Faixa do IDHM: **Baixo**
(IDHM entre 0,500 e 0,599)**GURUPÁ****29.062 hab.**IDHM 2010: **0,509**
Faixa do IDHM: **Baixo**
(IDHM entre 0,500 e 0,599)**MUANÁ****34.204 hab.**IDHM 2010: **0,547**
Faixa do IDHM: **Baixo**
(IDHM entre 0,500 e 0,599)**PONTA DE PEDRAS****25.999 hab.**IDHM 2010: **0,562**
Faixa do IDHM: **Baixo**
(IDHM entre 0,500 e 0,599)**SANTA CRUZ DO ARARI****8.155 hab.**IDHM 2010: **0,557**
Faixa do IDHM: **Baixo**
(IDHM entre 0,500 e 0,599)**SÃO SEBASTIÃO DA BOA VISTA****22.904 hab.**IDHM 2010: **0,558**
Faixa do IDHM: **Baixo**
(IDHM entre 0,500 e 0,599)

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) serve de comparação entre os países, com o objetivo de medir o grau de desenvolvimento econômico e a qualidade de vida oferecida à população. O relatório anual de IDH é elaborado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), órgão da ONU.

(0,500 a 0,599)

BAIXO

(0,600 a 0,699)

MÉDIO

(0,700 a 0,799)

ALTO

(0,800 a 1)

MUITO ALTO**SALVATERRA****20.183 hab.**IDHM 2010: **0,608**
Faixa do IDHM: **Médio**
(IDHM entre 0,600 e 0,699)**SOURE****23.001 hab.**IDHM 2010: **0,615**
Faixa do IDHM: **Médio**
(IDHM entre 0,600 e 0,699)

Construindo novas oportunidades

INDÚSTRIA TRANSFORMA A VIDA DE MILHÕES DE PESSOAS POR MEIO DE AÇÕES DE RESPONSABILIDADE SOCIAL

Fazer o que está além das obrigações, de maneira voluntária, é mais do que uma atitude de responsabilidade social. O compromisso das empresas em contribuir para a realidade dos locais em que atuam gera respeito e valor para o negócio, especialmente quando as ações não cumprem apenas obrigações legais e condicionantes.

Investimentos em sustentabilidade – que engloba, entre outros itens, ações de responsabilidade social – aumentam a credibilidade e melhoram a reputação das empresas. Além disso, eles mostram que as atividades socialmente responsáveis deixaram de ser uma opção apenas politicamente correta, mas também um item de visão estratégica.

No Pará, as grandes empresas têm desenvolvido projetos sociais, mas as médias e pequenas ainda precisam fazer mais. “A própria sociedade cobra e isso gera ganhos para ambos os lados, pois os empreendimentos ganham visibilidade e credibilidade”, comenta Rita Arêas, presidente do Conselho de Responsabilidade Social (Cores), da Fiepa.

Em Barcarena, um projeto da Alubar Metais e Cabos gerou diversas oportunidades para as mães de crianças atendidas pela Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae) e para outras moradoras do município.

“Já tenho meu atelier e costuro para outras pessoas. Daqui pra frente, meus planos envolvem fazer meu negócio crescer e colocar em prática tudo aquilo que aprendi.”

VANILDA DO SOCORRO, PARTICIPANTE DO JAPIIM, PROJETO DE RESPONSABILIDADE SOCIAL DA ALUBAR

Hoje, 30 mulheres que integram o Projeto Japiim são responsáveis pela fabricação dos uniformes utilizados pelos colaboradores da Alubar, garantindo assim uma renda mensal de até mil reais. “Eram mulheres que enfrentavam dificuldades para ingressar no mercado por conta de inúmeros fatores, que vão desde questões ligadas à qualificação até a disponibilidade de tempo”, comenta a coordenadora de Projetos da Alubar, Márcia Campos.

O Japiim existe há oito anos e não se limitou apenas às mulheres que possuíam conhecimentos em corte e costura. “É comum as mães

chegarem ao projeto apenas com o desejo de aprender. Por isso, passam por treinamentos com o uso das máquinas industriais básicas e após esse período, o grupo avalia se estão aptas para produção. Caso positivo, elas iniciam, mas senão, continuam o treinamento até que o trabalho seja avaliado positivamente”, explica Márcia.

Auxiliadas pelo projeto, Andrea de Sousa Góes e Vanilda do Socorro, ambas com 37 anos, começaram a trilhar um novo caminho. Elas não tinham renda fixa, participavam há dois anos do Japiim, se tornaram microempendedoras individuais e já planejam uma vida independente do projeto. “Hoje, me sinto cada vez mais realizada, pois minha vida mudou para melhor. Aprendi muitas coisas ao longo do projeto, que me tornaram não apenas uma boa profissional, mas também uma pessoa melhor”, afirma Andrea.

Vanilda também acredita que futuro será promissor. “Já tenho meu atelier e costuro para outras pessoas. Daqui pra frente, meus planos envolvem fazer o meu negócio crescer e colocar em prática tudo aquilo que aprendi”, conta.

Além de garantir um ofício, as participantes do projeto podem ainda desenvolver competências e habilidades por meio de cursos de qualificação.



“O que mais nos importa não é somente receber o dinheiro no final do mês, mas nos sentirmos produtivos e úteis. É necessário que todas as empresas tenham a consciência de ver no PCD uma ferramenta de crescimento para a própria instituição.”

JOSÉ NAZARENO MACHADO,
ASSISTENTE ADMINISTRATIVO

SENAI APOSTA NA QUALIFICAÇÃO

No segmento industrial, outras iniciativas chamam a atenção. Um dos maiores grupos do setor de logística no Brasil, o TPC, com uma unidade em Castanhal, vem incorporando uma política de responsabilidade social para aumentar o número de pessoas com deficiência (PCD) que trabalham na empresa, superando o percentual exigido por lei – que é de 2% a 5% das vagas.

Para o analista de Departamento Pessoal do grupo, Jaime dos Santos, o incentivo também traz diversos benefícios para a organização. “Essas pessoas, mesmo com alguma limitação física, são plenamente capazes de desenvolver as mesmas atividades que qualquer outro profissional. O ganho em tudo isso é que eles são extremamente competentes, dedicados e determinados, e isso contagia os demais funcionários e agrega valor à empresa”, destaca Santos.

Voltado para atender as necessidades de mão de obra da indústria, inclusive para auxiliá-las no cumprimento das metas estabelecidas pela Lei de Cotas, o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai-PA), por meio do Programa Senai de Ações Inclusivas

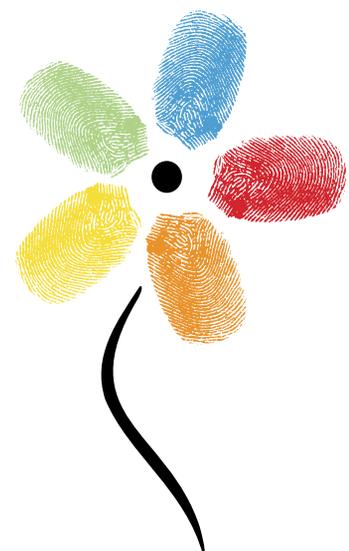
(Psai), se empenha para proporcionar e aumentar as chances de inclusão e ascensão de pessoas com deficiência, por meio da qualificação profissional. Com o programa, além de cumprir a lei que estabelece cotas para deficientes nas empresas, o empresário pratica a responsabilidade social.

Desde o começo de seu funcionamento, em 2009, o Psai já qualificou mais de duas mil pessoas para o mercado. “O trabalho vem gerando excelentes resultados e hoje reconhecemos que a capacitação profissional é a melhor forma de inclusão”, destaca Flora Barbosa, coordenadora do Psai.

A qualificação de PCD é realizada em conjunto com os alunos das turmas regulares, que não apresentam deficiência, como forma de incentivar a inclusão já a partir da sala de aula. Um dos exemplos é José Nazareno Machado. Ele participou do programa e, desde 2010, trabalha como assistente administrativo na Alubar. “Quando eu cheguei à empresa, o que mais me chamou a atenção foi que já no momento da entrevista me disseram que eu não teria nenhum tipo de regalia, seria tratado como os demais, e era exatamente isso que eu queria ouvir, pois me dá motivação, me sinto capaz”, comenta o assistente de 43 anos. ➔

SOBRE O PSAI

O PROGRAMA SENAI DE AÇÕES INCLUSIVAS ATUA EM DUAS GRANDES VERTENTES: UMA COM FOCO NAS PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS (PNE), ONDE ESTÃO INSERIDAS PCD E PESSOAS COM ALTAS HABILIDADES/ SUPERDOTAÇÃO; E A OUTRA COM ATENÇÃO À QUESTÃO DE ETNIA, DE GÊNERO E DE IDOSOS. O PROGRAMA TAMBÉM ALCANÇA PESSOAS QUE ENFRENTAM RESTRIÇÕES SOCIAIS E ENCONTRAM-SE EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL, DEPENDÊNCIA QUÍMICA, CONFLITO COM A LEI OU EM ESTADO DE REABILITAÇÃO JUNTO À PREVIDÊNCIA SOCIAL.





OPORTUNIDADES PARA QUEM ESTÁ À MARGEM

Com o desenvolvimento do Programa Senai de Ações Inclusivas e o olhar mais atento para as necessidades da sociedade, foi preciso expandir o atendimento, resgatando para o setor produtivo públicos que mais necessitam de incentivos. Para alcançar seus objetivos, o Psai precisa superar os próprios limites, e um deles é o de acesso à comunidades distantes. Em 2014, um dos desafios foi levar qualificação para moradores da comunidade quilombola Maria Ribeira, distante mais de uma hora do município de Gurupá, no arquipélago do Marajó.

Localizada em uma região às margens das políticas sociais - falta saneamento básico, escolas, serviços médicos e ambulatórios, além da escassez de energia elétrica - a comunidade recebeu durante três meses cursos voltados para o setor da construção civil. Todos oferecidos gratuitamente pelo Senai. A expectativa é que os participantes

das capacitações, agora certificados, sejam absorvidos no trabalho de construções das habitações populares na comunidade, pela Caixa Econômica Federal, por meio do programa Minha Casa Minha Vida. “Além da falta de serviços, também é muito difícil se locomover daqui para a cidade, então eu nunca imaginei que um dia pudesse fazer um curso, ser profissional de alguma área, e agora eu conquistei isso. É a realização de um sonho”, comemora a jovem Cleovane dos Santos, participante do curso de Pintor de Obras.

Em Parauapebas, sudeste do Pará, Antônio Lafaete é outro exemplo de sucesso de investimentos em qualificação profissional. Ele viveu 12 dos seus 49 anos morando nas ruas. Quando se formou no curso de Pedreiro de Alvenaria no Senai, viu sua vida mudar. Hoje, Antônio trabalha e pode pagar o aluguel de uma casa.

“Eu não tinha perspectiva de vida, achava que por já ter quase cinquenta anos não teria mais oportunidade para trabalhar, mas depois desse curso descobri que ainda tenho muito a contribuir”, comenta o pedreiro, que voltou a estudar. ➡

“Ao estimular o ingresso de pessoas à margem da vida produtiva nos cursos profissionalizantes do Senai, o Psai contribui com a ampliação de novos horizontes, com a melhora da qualidade de vida e, conseqüentemente, ajuda a elevar a autoestima dessas pessoas.”

FLORA BARBOSA,
COORDENADORA
DO PSAI/SENAI



PLANO PARAENSE DE DESENVOLVIMENTO DO TURISMO

ADENAUER GÔES

TITULAR DA SECRETARIA DE ESTADO DE TURISMO (SETUR) DO GOVERNO DO PARÁ

O modelo brasileiro contempla o poder público nos seus três níveis como o grande mobilizador e regulador do crescimento da nossa economia, em função do que, ficam patentes as necessidades das reformas nacionais, política, tributária e etc, propostas ao longo do tempo e ainda não implementadas. Isto é um fato.

No Pará, em 1994, quando Almir Gabriel foi eleito pela primeira vez, planejou-se as ações de governo em sintonia com o empresariado e com a sociedade, sob três eixos básicos: Agroindústria, Verticalização do Minério e Turismo.

O governador Jatene, reforçou a gestão pública, criando a Secretaria de Turismo (Setur), que trabalha com o Plano de Desenvolvimento, enquanto a Companhia Paraense de Turismo (Paratur) trabalha com o Plano de Marketing. É importante referenciar que o primeiro Plano de Desenvolvimento do Turismo foi oficializado em fevereiro de 2001, e sua atualização ocorreu com o segundo mandato do governador Jatene, fortalecendo programas de infraestrutura – como o novo Porto Hidroviário de Belém, ou ainda a construção do Centro de Convenções de Marabá –, acessibilidade aérea (voos internacionais para a Europa e Estados Unidos, mais voos nacionais e regionais) e melhorias rodoviárias; o Programa de Capacitação e Qualificação através do PEQTur com 9.500 pessoas tendo acesso a cursos como de línguas estrangeiras, recepcionista, camareira, piloto de pesca esportiva, empreendedorismo, entre outros; o Programa de Estruturação de Produtos Turísticos de Fortalecimento Institucional, a implementação da rota turística Belém-Bragança, a incubadora de turismo que trabalha nove eventos sob a ótica do profissionalismo, visando um melhor impacto positivo econômico nos municípios em que ocorre.

O PRODETUR, aprovado pelo Senado Federal, trata-se do financiamento junto ao BID de 44 milhões de dólares, sendo que 40% é de contrapartida do tesouro do Estado, o que significa um marco para o turismo paraense e sinalização clara de tempos ainda

mais promissores para a atividade, fundamentalmente em apoio empresarial e em busca do produto turístico, visando um processo de fortalecimento, de organização e de compreensão pelo Estado da importância da atividade turística feita de forma sustentável. O empresariado respondeu com segurança e investiu de forma significativa, sendo que somente no setor de hotelaria, 250 milhões de reais viabilizaram 11 novos equipamentos através de uma rede internacional, o que consolidou o retorno do Estado ao positivismo dos negócios entendidos como turísticos.

As principais matérias-primas do setor são a cultura e a natureza – e gradativamente, todo esse processo vem sendo interiorizado. Recentemente, o Passaporte Pará foi lançado em parceria com o Banpará e as agências de receptivo buscam a venda de pacotes turísticos para os principais municípios paraenses.

O Brasil como um todo está aprendendo o que significa o turismo como atividade econômica. Ainda temos muito a evoluir, pois os mercados consumidores nacionais já possuem o produto turístico paraense, mas não de forma preferencial em suas prateleiras, quer seja pela necessidade de *marketing* mais agressivo, pela necessidade de um intercâmbio maior entre os mercados que compram e que vendem, ou pelo custo do produto em todo seu arranjo produtivo, o que somente a evolução de mercado, no sentido amplo do processo poderá promover. Estamos absolutamente convencidos de que o rumo está correto, as bases estão estabelecidas e as metas têm sido superadas. Com base nas estatísticas de 2013, tanto no que diz respeito ao fluxo (aproximadamente 1 milhão de turistas, crescendo nos últimos três anos acima da média nacional), quanto no que diz respeito à receita gerada (589 milhões de reais). Uma prova de que estamos avançando e temos muito a festejar. ➡

O PARÁ SERÁ MAIS BENEFICIADO À MEDIDA EM QUE A ATIVIDADE TURÍSTICA SEJA COMPREENDIDA COMO VETOR DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO EM TODA A SUA TRANSVERSALIDADE

RIQUEZAS DA AMAZÔNIA

JOIAS ARTESANAIS COM *DESIGN* SUSTENTÁVEL VALORIZAM
INSUMOS LOCAIS E SE DESTACAM NO COMÉRCIO INTERNACIONAL



A Amazônia, tecida por lendas, natureza exuberante e costumes, inspira os temas trabalhados nas joias da região, que encantam pela beleza e pela junção de metais preciosos com sementes e gemas minerais em peças elaboradas por *designers* da terra que esbanjam criatividade em produtos com acabamento primoroso.

Apesar da crise no mercado mundial, a comercialização das joias amazônicas no Brasil e nos mercados internacionais de Miami (EUA) e Paris (França) tem se mantido estável. No exterior, ela apresentou um salto significativo em vendas, passando de U\$ 2 mil, em 2012, para U\$ 68 mil, em 2014. Os dados são do Consórcio Joias do Pará, formado por oito empresas paraenses. Com a participação cada vez mais assídua do Consórcio em feiras internacionais, os produtos de joalheria adquirem visibilidade e os lojistas passam a se interessar e a vender mais os itens paraenses.

“Observamos que 60% desse aumento se deve ao fato de visitarmos os vendedores locais desses países, quando vamos às feiras oferecer o produto” destaca João Amorim, proprietário de uma das empresas que compõem o Consórcio Joias do Pará.

A estratégia de ir atrás do comprador e mostrar o catálogo das joias antes da feira tem, não só atraído

um público maior ao evento, como também garantido o crescimento em até 300% do número de contatos comerciais. “O convite por *e-mail* muitas vezes é frio. A visita ao lojista nos aproxima e ele acaba indo à feira para retribuir a gentileza e conhecer mais o que estamos produzindo aqui”, garante o empresário.

Em Miami, há um grande público latino que se identifica culturalmente com as joias paraenses e em Paris há uma concentração de feiras setoriais responsáveis por movimentar lojistas de toda a Europa. Um outro fator de impulso é o valor agregado.

“A responsabilidade socioambiental atrai um público cativo, que se preocupa com a preservação da Amazônia, sua cultura e com a valorização do meio ambiente, a partir do uso das gemas naturais”, lembra Raul Tavares, gerente do Centro Internacional de Negócios (CIN), do Sistema Fiepa.

E, embora o Consórcio ainda tenha certa dificuldade em vender as joias dentro do Estado, o produto tem ganhado destaque no sul do Brasil e em alguns países da América Latina. “O paraense não compra muito as nossas joias. Elas são muito mais valorizadas por compradores do sul do Brasil (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) e na América Latina somam-se aos países do Cone Sul (Argentina, Chile, Paraguai e Uruguai)”, completa o gerente do CIN. ➡





“Hoje, além dos resultados financeiros, temos um empresariado mais capacitado e voltado para o negócio, justamente porque conseguimos enxergar que a capacitação e o conhecimento aprofundado do negócio eram etapas que precisavam ser vencidas.”

JOÃO AMORIM, JOALHEIRO E EMPRESÁRIO QUE INTEGRA O CONSÓRCIO JOIAS DO PARÁ

A FORÇA QUE VEM DA UNIÃO

Criado há cinco anos, o Consórcio Joias do Pará nasceu partir do esforço coletivo de instituições de fomento à internacionalização como o Centro Internacional de Negócios (CIN/FIEPA), Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil) e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micros e Pequenas Empresas (Sebrae). A união gerou crescimento e consolidação para o Consórcio nos mercados nacional e internacional que terá, ainda nesse primeiro semestre, um site para vendas *on-line* de seus produtos, já com pré-vendas garantidas para o Dia das Mães e o Dia dos Namorados.

O modelo de gestão, voltado para a inovação tecnológica, é um outro fator de sucesso do Consórcio. As ações de produção conjunta têm reduzido custos e otimizado as vendas das joias artesanais amazônicas e, consequentemente, trazido ganhos para o Estado. “Transformamos *commodities* em produto acabado e, o fato de concebermos e produzirmos aqui, garante ao negócio a geração de emprego e renda”, avalia o gerente do CIN, Raul Tavares.

João Amorim lembra que o modelo de gestão utilizado pelo Consórcio foi concebido a partir de mui-

tas capacitações que a Fiepa/CIN, Apex e Sebrae realizaram. Os treinamentos ajudaram a desenvolver um olhar mais realista sobre o que os produtos precisavam para ser ainda mais competitivos.

O Sebrae é outro parceiro que tem se mostrado essencial. A instituição vem trabalhando, ao longo dos anos, juntamente com o CIN/FIEPA, a capacitação dos empresários para a internacionalização dos negócios. O Sebrae Nacional mantém uma plataforma com um grande banco de dados de empresas cadastradas, em todo Brasil. Muitas já estão vendendo para Miami e México. O trabalho é continuado e, a partir de missões e prospecções no mercado internacional, contribui para aumentar a participação de vendas de joias no exterior.

“Disponibilizamos um agente comercial de mercado para dar esse suporte aos empresários. Aqui no Estado, a previsão é de que as joias paraenses continuem muito bem aceitas e conquistem novos mercados. Em Belém, temos duas consultoras internacionais que acompanham as empresas interessadas em vender seus produtos lá fora. Estamos bastante otimistas com os resultados que esse trabalho vai trazer para o desenvolvimento do setor”, destaca Carmélia Oliveira, gerente da Unidade de Mercado do Sebrae Pará. ➔



“A nossa previsão é de que as joias paraenses continuem muito bem aceitas e conquistem novos mercados. Por isso, apostamos na capacitação desses empresários para internacionalizar os negócios.”

CARMÉLIA OLIVEIRA, GERENTE DA UNIDADE DE MERCADO DO SEBRAE PARÁ

NOVAS PARCERIAS

A forma de gestão do Consórcio Joias do Pará conferiu às empresas paraenses um destaque internacional. Os negócios vêm conquistando novas parcerias, a exemplo do trabalho colaborativo que vai ser desenvolvido com ourives da Martinica, departamento ultramarino insular francês no Caribe.

“A parceria começou na Fiepa, quando o presidente da região da Martinica esteve aqui em 2014 e o CIN intermediou as negociações. A partir daí, a parceria cresceu e agora vamos ensinar a nossa forma de trabalho e promover a comercialização lá”, lembra João Amorim.

A Martinica está construindo um Polo Joalheiro empresarial e convidou o Consórcio para a estruturação de uma *joint venture*. A intenção da parceria é potencializar as empresas da Martinica a partir de um modelo de trabalho que deu certo no Pará, ao mesmo tempo em o Consórcio terá a oportunidade de produzir em solo europeu, garantindo uma diminuição de custo tributário de 19,5%.

O Consórcio é membro pleno do comitê gestor do Projeto Setorial de Internacionalização de Gemas e Joias da Apex-Brasil, operacionalizado pelo Instituto Brasileiro de Gemas e Metais Preciosos (IBGM), e deverá aproveitar ao máximo o fato de que, em breve, a Martinica terá uma Área de Livre Comércio para trabalhar não só os temas caribenhos para a *joint venture*, como também produzir e comercializar joias com temas amazônicos. “Outro fator que justifica e sustenta a parceria”, analisa João.

Apesar da evolução em quase cinco anos de existência do Consórcio, muito ainda precisa ser feito: participação mais constante em outros eventos internacionais, aprimoramento da internacionalização das joias paraenses, principalmente na promoção mais efetiva dos produtos, em outros mercados competitivos.

Os próximos passos do Consórcio incluem uma missão dos empresários paraenses à Martinica. Eles vão conhecer a região e acertar os últimos detalhes da parceria. A intenção é que o CIN, a partir da Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (APEX), acompanhe a missão para que a parceria seja costurada em definitivo e eles comecem a produzir para a região. Além da missão, já está programada para este ano, a participação do Consórcio Joias do Pará nas feiras de Las Vegas (EUA) e de Paris (França).



📍 Parque industrial da
Natura em Benevides,
o EcoParque: produtos
100% regionais

Consciência ambiental como insumo

INDÚSTRIA SE PAUTA PELA SUSTENTABILIDADE PARA DESENVOLVER PRODUTOS COMPETITIVOS E COM VALOR AGREGADO



AUTENTICIDADE

A Chamma da Amazônia traz ao ramo de cosméticos identidade cultural aliada à inovação

A sustentabilidade tem sido um grande valor no século XXI. Indústrias inseridas no contexto da ‘economia verde’ não garantem apenas um futuro melhor para as próximas gerações, mas também mudam a imagem sobre produtos, serviços e ideais. E já há empresas do setor industrial que atuam no Pará produzindo em sintonia com o meio ambiente. Uma delas é a Chamma da Amazônia. Fundada por Oscar Chamma, pioneiro no setor da perfumaria na região, a empresa aposta em produtos que agregam a identidade cultural ao bem-estar, como perfumes, sachês de banho, aromatizadores de ambiente, óleos corporais, hidratantes, sabonetes, cremes, géis, esfoliantes e outros produtos para banho e corpo.

Com uma imagem pautada em práticas sustentáveis, a Chamma cria cosméticos que valorizam as matérias-primas e os costumes da região, com criações como o ‘Banho de Chuva’, para ser utilizado na perfumação pós-banho que possui uma fragrância inspirada no cheiro das folhas orvalhadas, misturado com os aromas da camomila e do breu-branco, ou dos hidratantes e óleos da linha Bio, que usam os óleos das frutas regionais como o açaí, a copaíba e a castanha-do-Pará. A empresa incorpora ao processo produtivo o reaproveitamento de resíduos para sachês aromáticos e aproveita sacos de tecido para a produção de embalagem para os produtos.

O exemplo da Chamma reforça o movimento no Pará de empresas realizando investimentos sustentáveis, em segmentos como o de cosméticos, alimentação e mineração. “Essa é uma questão de sobrevivência dentro do mercado global, cada vez mais restrito no que diz respeito à necessidade de garantia da continuidade na produção em base sustentável. Mesmo assim, muita coisa ainda precisa ser feita, como a adoção voluntária de padrões sustentáveis, levando a uma política individualizada e constante, independentemente das solicitações e demandas do mercado”, pontua Luiz Moura, presidente do Conselho Temático de Meio Ambiente (CTMA) da Fiepa.

PRODUÇÃO ATENTA AO MEIO AMBIENTE

Um outro exemplo de empresa que alia o tema à produtividade é a Natura, maior fabricante de cosméticos e produtos de higiene e beleza do Brasil, que inaugurou em 2014 um complexo industrial no município de Benevides, o “Ecoparque”. O empreendimento concentra a produção de sabonetes e óleos fixos da empresa, gerando cerca de 380 empregos diretos e indiretos para a população da região. ➔

“Queremos que o Ecoparque atue como uma rede transformadora de cooperação e que alavanque o empreendedorismo local.”

DANIEL SILVEIRA, DIRETOR NORTE-NORDESTE DA NATURA



“O Ecoparque é parte integrante da estratégia de atuação da Natura na Amazônia. Esse parque industrial nos permite fabricar produtos 100% regionais. É um projeto inspirado no conceito de simbiose industrial com capacidade de conectar empresas, com necessidades complementares, para gerar sinergia e maior eficiência no uso dos recursos. Nossa ambição é que o Ecoparque atue como uma rede transformadora de cooperação, de conhecimentos e vivências em que todos ganham, além de alavancar a demanda por insumos da sociobiodiversidade e o empreendedorismo local”, explica Daniel Silveira, diretor norte-nordeste da Natura.

A Natura ainda busca incentivar o consumo consciente, a responsabilidade pela cadeia de valor e a geração de impacto social por meio de incentivo à educação. “Nossos produtos são elaborados visando à construção de um mundo mais sustentável, buscando a vanguarda e o pioneirismo em inovação a partir de tecnologias sustentáveis. As linhas SOU e Ekos, por exemplo, mostram como materializar nas submarcas os conceitos do consumo consciente e da valorização da sociobiodiversidade brasileira”, diz. “Nossa meta até 2020 é obter 75% de material reciclável na massa total das embalagens e reduzir em 33% a emissão relativa de carbono, entre outras. A questão da sustentabilidade é intrínseca da Natura e, por conseguinte, de seus colaboradores”, completa Daniel.

RECONHECIMENTO PELA CONSCIENTIZAÇÃO

A sustentabilidade não é um conceito limitado aos produtos. Ela também está presente nas instalações do empreendimento, em tecnologias pensadas para melhorar a *performance* da Natura sem prejudicar o meio ambiente, em um tratamento inovador de efluentes a partir de raízes de plantas, entre outras possibilidades.

Outra forma encontrada pela companhia foi poupar recursos ambientais, e que pode ser adotada em diversas empresas, é a implantação de sistemas de geotermia, nos quais equipamentos captam o ar externo e promovem a troca térmica no subsolo para diminuir a temperatura no interior dos edifícios. Há também a reutilização da água da chuva e o aproveitamento da ventilação e iluminação natural das instalações.



COMPROMISSO

A Natura usa material reciclável em suas embalagens e quer reduzir a emissão de carbono

“A educação ambiental é fundamental e a indústria deve entender a importância na conservação das condições de exploração dos insumos.”

LUIZ MOURA, PRESIDENTE DO CTMA



O Conselho Temático de Meio Ambiente da Fiepa é um órgão consultivo, sem poder de polícia. Coloca à disposição das entidades federadas todo um acervo de informações sobre as questões relacionadas com meio ambiente, para consulta e aplicação. Ao participar ativamente dos Conselhos Estaduais de Meio Ambiente (COEMA) e de Recursos Hídricos (CERH), o Conselho passa a integrar o fórum que autoriza a emissão do Licenciamento Ambiental de novos empreendimentos no Estado, além de estabelecer os critérios de criação dos Comitês de Bacia Hidrográfica e dos parâmetros de cobrança pelo uso dos recursos hídricos no Pará.

Tudo isso contribuiu para o desenvolvimento econômico e social das comunidades ao redor do Ecoparque, sem abrir mão das gerações de riquezas. Esse pensamento gerou benefícios que ultrapassaram as questões ambientais. No final do ano passado, a Natura se tornou a primeira empresa de capital aberto da América Latina a conquistar a certificação *B Corporation* – “Benefit Corporation”, que reforça um movimento global de empresas conectadas para promover uma sociedade mais sustentável.

“A conquista dessa importante certificação reforça nossa crença de que devemos buscar sim o lucro, base de nossa operação, mas que essa não deve ser a finalidade única de nossa existência. Além disso, a certificação faz parte da escolha dos melhores parâmetros mundiais que nos ajudam a evoluir e desafiar nossa estratégia de sustentabilidade”, comenta o diretor norte-nordeste da organização, Daniel Silveira.

Outra empresa que está atenta à importância de produzir dessa maneira é a Floraplac, cuja principal atividade é a fabricação de compensados de madeira. Instalada no município de Paragominas desde 1989, a Floraplac foi a primeira empresa do grupo Concrem no segmento. O diferencial do material produzido está na matéria-prima, oriunda de reflorestamentos próprios cultivados pelo grupo em mais de trinta mil hectares das espécies Paricá - nativa da região - e Eucalipto.

Em 2004, a Floraplac tornou-se a primeira empresa no Norte do país a receber o certificado do PNQM (Programa Nacional de Qualidade de Madeira). Outras premiações vieram em 2003 e 2007 (Prêmio Referência), além do prêmio Qualidade Exportação entre os anos de 2005 e 2007. Todo esse reconhecimento gera visibilidade em âmbito nacional e promove a empresa, evidenciando suas ações e conquistas.

E em um mercado tão competitivo é cada vez mais necessário estar atento às questões referentes à produção industrial, mas sem descuidar da sustentabilidade do negócio, tendo como impulso a necessidade de aumentar as vendas, além da cobrança exercida pela sociedade e pelo poder público. “A consciência ambiental é um importante insumo da indústria e um diferencial empresarial. Há muito tempo que o mercado, nacional ou internacional, deixou de receber produtos que utilizam insumos não certificados, que utilizam procedimentos descuidados e sem controle de qualidade, abandonados, por isso, nas prateleiras e nas ofertas à sociedade”, alerta Luiz Moura. ↩

DIREITOS E DEVERES

MAIS RAPIDEZ E MENOS BUROCRACIA: GOVERNO FEDERAL LANÇA FERRAMENTA QUE DEVE FACILITAR REPASSE DE INFORMAÇÕES SOBRE O TRABALHADOR



Em um mundo cuja velocidade na transmissão de dados pode reduzir custos e otimizar tempo, o Sistema Público de Escrituração Digital (SPED) acrescentou um novo capítulo na sua pauta no final do ano passado. Trata-se do Sistema de Escrituração Digital das Obrigações Fiscais, Previdenciárias e Trabalhistas, chamado de eSocial. A proposta central do sistema é facilitar o atendimento à diversos órgãos do Governo por meio de uma única fonte de informações das empresas, simplificando o controle sobre o que é gasto e produzido em todos os setores da economia.

Regulamentado pela resolução nº 1, de 20 de fevereiro de 2015 (DOU de 24/02/2015/ Seção I, Pág.80), o eSocial será um instrumento de unificação da prestação das informações referentes à escrituração das obrigações fiscais, previdenciárias e trabalhistas, que padroniza sua transmissão, validação, armazenamento e distribuição. Os dados irão compor o Ambiente

ACESSE

Para consultar o manual, basta acessar os sites:
www.esocial.gov.br e www.caixa.gov.br



Com a obrigatoriedade do programa, muitas empresas estão se informando melhor a respeito de como ele será implementado e, principalmente, se terão condições de adquiri-lo.”

NILSON AZEVEDO, PRESIDENTE DO CONSELHO DE
RELAÇÕES DE TRABALHO DA FIEPA

Nacional, com uma escrituração digital contendo os livros digitais com informações fiscais, previdenciárias e trabalhistas; sistemas para preenchimento, geração, transmissão, recepção, validação e distribuição da escrituração; e repositório nacional com o armazenamento da escrituração. As informações prestadas pelos empregadores serão enviadas ao Fundo de Garantia do Tempo de Serviço - FGTS e armazenadas no Ambiente Nacional.

O Ministério do Trabalho e Emprego publicou, no último dia 24 de fevereiro, no Diário Oficial da União (DOU), a versão 2.0 do manual que regulamenta o eSocial. O material orienta o empregador para a forma de cumprimento de suas obrigações, que está sendo instituída por meio do novo sistema.

Recentemente, foi criado um grupo de trabalho em conjunto com o comitê gestor do eSocial, formado pelas Confederações de Empregadores e Federações/Associações convidadas pelo governo, que teve a primeira reunião de trabalho nos dias 2 e 3 de julho do ano passado. O grupo, de caráter consultivo e permanente, tem o objetivo de analisar informações e regras do eSocial, inicialmente apresentado pelo comitê gestor e elaborar a proposta de adequação, visando o pleno cum-

primento das obrigações correspondentes pelas empresas e uma operacionalização aderente ao ambiente empresarial, baseada na legislação vigente, inclusive em relação ao cronograma de implantação.

Embora o programa tenha diversos benefícios, como a redução da burocracia na apresentação e na comprovação de documentações por parte dos empregadores, ainda há algumas considerações a serem discutidas. Quem disponibilizará o programa? Ele será acessível para empregadores com menor suporte financeiro? Vale a ressalva de que o eSocial deverá ser utilizado em todos os setores da economia, incluindo quem contrata empregados domésticos. Isto comprova a abrangência do programa e a reflexão sobre como ele poderá ser adquirido pela sociedade e por pequenas e microempresas que não teriam, atualmente, condições de arcar com esses custos.

Para o presidente do Conselho de Relações de Trabalho do Sistema Federação das Indústrias do Estado do Pará (Fiepa), Nilson Azevedo, o alcance do programa torna essas discussões relevantes para a sociedade e para a indústria. “Ocorre que, toda vez que são criadas novas obrigações, se faz necessário uma ampla discussão com toda a socie-

dade a fim de que os detalhes fiquem muito claros quanto ao seu cumprimento”, completa.

Azevedo representa o Sistema Fiepa nas reuniões de alinhamento do eSocial, a convite da CNI, e salienta a importância das reuniões dos grupos de trabalho para adequar o programa à realidade vivida no contexto nacional. “A questão básica é discutir com o governo a forma como se dará a operacionalização de tal sistema, quando entendemos que haverá certa dificuldade no cumprimento das exigências pelas pequenas, médias e microempresas devido a necessidade de um prazo mais elástico para a absorção dessa nova tecnologia que, com certeza, vai gerar custos e tornará necessária a realização de investimentos, sendo que nem sempre os empregadores possuem essa capacidade de investir”, explica.

Os debates ocorrem devido a obrigatoriedade da implantação do eSocial após a publicação oficial do Manual de Operação 1.2, em junho de 2014. “Em nossas reuniões de alinhamento, defendemos que tais obrigações sejam escalonadas, levando em consideração tais dificuldades, ou seja, conceder prazos diferenciados para os diferentes portes de empregadores”, finaliza. ➔



Um leque de infinitas possibilidades

TECNOLOGIA PERMITE TRAFEGAR ENTRE A REALIDADE E O MUNDO VIRTUAL E APONTA NOVAS PERSPECTIVAS PARA O MUNDO DOS NEGÓCIOS

Vista como uma inovação que parece saída dos filmes de ficção científica, a Realidade Aumentada (RA) pode ajudar a simplificar a vida de muitas pessoas, graças as suas inúmeras aplicações. “A Realidade Aumentada permite a sobreposição de informações virtuais em qualquer plano real, permitindo assim a visão de todos os elementos ao mesmo tempo”, explica Cláudio Afonso, desenvolvedor *web* e especialista em tecnologias.

De acordo com Cláudio, a RA é utilizada com auxílio de *smartphones* ou *tablets*. Ao acionar a câmera do dispositivo, o usuário consegue visualizar as informações extras da imagem capturada, se estiver com acesso à rede de internet.

Na área comercial, o conceito dessa tecnologia possibilita novas formas de interações entre fornecedores e clientes, ao agregar informações e ressaltar características sobre um determinado produto, aumentando a percepção do real. O turismo também é um dos setores que podem ser beneficiados.

Um *case* de sucesso, coordenado pela Pró-Reitoria de Relações Internacionais (Printer) juntamente com o Fórum Landi, é o projeto “UFPA 2.0”. Com auxílio da Realidade Aumentada, foi possível recriar um roteiro histórico no bairro da Cidade Velha a partir das obras do arquiteto italiano Antônio Landi, cujas informações eram obtidas por meio de um dispositivo móvel.

No setor de construção civil, a aplicação da RA permite simular como um imóvel ficará em um terreno após a construção. Mas se engana quem pensa que essa é a única aplicação. A RA também possibilita a visualização das tubulações de água e demais estruturas, evitando assim, a necessidade de perfurar paredes e solos, em caso de manutenções periódicas. “A RA pode ser aplicada de diversas maneiras, desde um manual de instruções ensinando o consumidor, na prática, como se troca um cartucho de impressoras ou mesmo realizando pequenas manutenções de um carro”, diz Cláudio. ➔



REALIDADE AUMENTADA X REALIDADE VIRTUAL

À primeira vista, a Realidade Aumentada (RA) pode ser muito parecida com a Realidade Virtual (RV). Mas o princípio de cada uma é diferente. “A RV simula o ambiente real com elementos virtuais, ou seja, recria um determinado ambiente e elementos virtuais com auxílio do computador; já a RA aproveita o ambiente real e adiciona os elementos virtuais nele”, esclarece o especialista Cláudio Afonso.

Apesar de distintas, ambas podem ser aliadas aos treinamentos de novos profissionais, como nas aulas de capacitação em equipamentos móveis, oferecidas pelo Senai de Barcarena.

“A gente sabe que esse tipo de contato pode ser perigoso se o aluno tiver apenas o conhecimento teórico. Então, na prática, procuramos capacitá-lo com auxílio dessa tecnologia para que, depois de dominar as técnicas, ele possa ter contato com o equipamento”, avalia o professor de equipamentos móveis, Ezequiel Assunção.

Os princípios da Realidade Aumentada também são empregados em atividades de treinamento mecânico de carros. “Por meio de um óculos, é possível mostrar que peças podem ser removidas ou trocadas num motor”, conclui Cláudio Afonso.



Novo horizonte para a tarifa de energia elétrica

COMO A INDÚSTRIA PODE ENCONTRAR ALTERNATIVAS PARA SUPERAR OS ALTOS CUSTOS ENERGÉTICOS E OTIMIZAR INVESTIMENTOS

Sendo engenheiro e já tendo adquirido alguma experiência, resolvi aceitar o convite para conduzir o COINFRA – Conselho Temático de Infraestrutura da FIEPA – Federação das Indústrias do Estado do Pará, entidade muito bem conduzida pelo amigo José Conrado dos Santos. O objetivo é formar uma equipe de voluntários dispostos a ajudar o Estado do Pará dentro de nossos limites e condições.

Por tudo que já ocorreu na minha vida empresarial, o primeiro assunto que propus dissecar e levar uma proposta às nossas autoridades foi sobre o absurdo valor da nossa tarifa de energia elétrica, a maior do Brasil. Para tentar entender o motivo da nossa tarifa ser a mais alta, repito, do Brasil, e não acreditar que exista alguma teoria de conspiração contra o nosso estado por não haver motivo para isso, procuramos estudar o real motivo dessa dura constatação. O que sempre afirmo é que Brasília não conhece a Amazônia. Talvez conheça, por motivos óbvios, a Zona Franca de Manaus, porém não existe nenhuma política deliberada como alguns tentam nos fazer crer.

Desde sempre acreditei que havia algo na legislação do setor elétrico. Fui a Brasília, reuni com a Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL), no Ministério de Minas e Energia (MME) e com vários engenheiros que conheci quando da defesa para a construção de Belo Monte. Já de volta a Belém, de forma obstinada, reuni com todos que, de alguma forma, poderiam nos ajudar a desvendar o que, para nós, era um enigma.

Tivemos a felicidade de concluir que, realmente, o motivo está na legislação que foi feita para beneficiar o mercado de consumo, sempre privilegiando o mercado diante de qualquer outro interesse. De forma superficial, a ideia foi boa, porém ao analisarmos profundamente, é totalmente desigual, já que privilegia as concessio-

nárias consolidadas com o grande mercado em detrimento das regiões periféricas. Se houver exceção, é para confirmar a regra. Esse fato contribui para o alargamento das diferenças entre as regiões.

Para melhor entendimento do que vamos explicar, usaremos o exemplo de duas concessionárias: a que atua no Pará, que tem a maior tarifa de energia elétrica, e uma das concessionárias de São Paulo, que tem a menor tarifa de energia elétrica. Esses dados, de janeiro de 2015, estão no site do Operador Nacional do Sistema Elétrico - ONS.

A composição do custo da energia é simples: compra de energia, transmissão, custo operacional da rede básica, encargos e tributos, administração e operação da concessionária, remuneração do investimento e depreciação. Aparentemente, o valor da tarifa deveria ser o mesmo com uma leve variação de uma para outra. Pergunta: Por que isso não acontece?

A concessionária de São Paulo, a qual tomamos como exemplo, faz seus investimentos para otimização em valorização do sistema com o objetivo de diminuir seus custos, pois toda empresa já está implantada e não mais existe área de expansão, todos os investimentos de altos custos já foram totalmente depreciados. A do Pará tem que, permanentemente, fazer investimentos em redes, subestações, etc. Isso vem diluído durante vários anos em nossa conta de energia.

Em São Paulo, a concessionária atende mais de 600 consumidores por quilômetro quadrado em sua área de atendimento enquanto a concessionária do Pará atende menos de cinco consumidores por quilômetro quadrado em sua área de atendimento. Todos os custos ficam maiores devido à densidade rarefeita de consumidores. Com o passar do tempo, vem alguma recordação do passado.



Lembrei-me do físico José Maria Filardo Bassalo, amigo irreverente, quando, no momento de uma discussão no antigo DMER, cujo motivo não recorro, se saiu com uma pérola que ficou guardada em minha memória e que, hoje, esses “600 (seiscentos)” e esses “5 (cinco)”, me fizeram recordar, quando, enfaticamente, para encerrar a discussão, me disse: “Mendonça, o problema é o denominador que, quando é grande, tudo fica pequeno; mas quando é pequeno, tudo fica muito grande.”

O professor Bassalo sempre terá razão, pois 5 (cinco) por quilômetro quadrado faz a nossa conta de energia ficar muito grande e desproporcional quando

comparada com outras de outros pontos do Brasil. Com a certeza de que o problema está na legislação, pedi a amigos advogados, que fizeram questão de não serem nominados, para, em conjunto, procurarmos um artigo, parágrafo ou inciso em uma das leis que regem o setor elétrico que, quando alterado, pudesse modificar o que está posto. Encontramos um simples parágrafo no decreto 7805/12, e, pela competência de todos os que nos auxiliaram nesta missão, redigimos esta proposta, muito simples, porém redigida por várias mãos e a tornamos pública com o consentimento do presidente da FIEPA, já que essa é a proposta de nossa entidade.

PROPOSTA

Alterar o decreto 7805 de 2012, que regulamentou a Medida Provisória 579, de 11 de setembro de 2012, que criou e determinou a forma de alocação das cotas, em seu artigo quarto, parágrafo primeiro, abaixo descrito, e determinou o seguinte:

“§ 1º - A definição do rateio a que se refere o *caput* buscará a alocação das cotas de garantia física de energia e de potência de forma proporcional ao mercado de cada concessionária de distribuição do SIN (Sistema Interligado Nacional), limitada ao respectivo montante de energia contratada mediante Contratos de Comercialização de Energia no Ambiente Regulado – CCEARs.”

REDAÇÃO SUGERIDA

§ 1º - A definição do rateio a que se refere o *caput* buscará a alocação das cotas de garantia física de energia e de potência de forma proporcional à capacidade de geração hidráulica instalada no Estado ao qual a distribuidora possui a concessão e posteriormente ao mercado de cada concessionária, limitada ao respectivo montante de energia contratada mediante Contratos de Comercialização de Energia no Ambiente Regulado – CCEARs.

Com a alteração pretendida, o que se deseja é que as cotas sejam prioritariamente distribuídas para os estados produtores de energia e, na sequência, proporcional ao mercado das distribuidoras, possibilitando a redução de tarifas nos estados com pouca densidade demográfica devido a suas extensões territoriais, onde estão localizados grandes projetos de geração hidráulica, que é o caso do Pará.

Como conseguir junto ao Governo Central, em Brasília, essa mudança? - Mitigando!

O Pará, hoje, é a última fronteira para a construção de grandes complexos hidrelétricos. Nós, amazônidas, temos conhecimento de que existem duas Amazônia: tomando como parâmetro o Rio Amazonas até a divisa do Amazonas com o Pará é uma planície bem plana, sendo esta a explicação do fracasso da hidrelétrica de Balbina: tem água, mas não tem desnível. A partir daí, já no território paraense, o planalto central brasileiro invade pelo sul e, ao norte, a nossa Amazônia é invadida pelo planalto das guianas. Esse relevo gerou desníveis ao nosso estado.

Na nossa Amazônia, temos água e desnível em inúmeros locais propícios à construção de complexos hidrelétricos. Temos que ser propositivos: além de mitigar a alteração da legislação, temos também de sugerir que os complexos hidrelétricos tenham grandes reservatórios de acumulação de água para serem efetivamente um negócio extremamente lucrativo, reduzindo nossa tarifa caso consigamos aprovar o que aqui está proposto, pois a forma mais barata de guardar energia é acumulando água. Devemos defender que, em nosso território, não sejam construídas as famigeradas, antieconômicas e antiecológicas hidrelétricas a fio de água, que não atendem aos padrões sustentáveis de engenharia.

A simples mudança do artigo quarto, em seu parágrafo primeiro, do decreto 7805/12, dará à sociedade paraense, em um curto espaço de tempo, a justa compensação pela utilização da água, que é seu maior patrimônio.

* José Maria da Costa Mendonça é vice-presidente da Fiepa, presidente do Centro das Indústrias do Pará (CIP), presidente da Comissão de energia da FIEPA/CIP, presidente do Conselho Temático de Infraestrutura da Fiepa, membro do grupo de Acompanhamento de Belo Monte da OAB.



Investir no bem-estar do trabalhador

UNIDADE DE PARAGOMINAS PASSOU POR REFORMA E AMPLIAÇÃO PARA ATENDER MELHOR EMPREGADOS DA INDÚSTRIA E SEUS DEPENDENTES

Cuidar do trabalhador é, sim, uma das formas mais eficientes de garantir a produtividade e promover o desenvolvimento em todo o país, especialmente nos municípios que abrigam empresas industriais. Pensando nisso, o Serviço Social da Indústria (Sesi) apresentou Paragominas com a entrega das obras de melhoria e expansão da unidade na região.

A iniciativa reafirma o Sesi como referência estadual na promoção da melhoria da qualidade de vida do trabalhador da indústria e de seus dependentes. Fundada em 1991, a unidade do Sesi em Paragominas é

fruto da parceria entre a Fiepa, a Prefeitura Municipal e o Sindicato das indústrias de Serrarias de Paragominas (SINDISERPA). Desde então, a unidade já atendeu mais de 50 mil pessoas neste que é um dos mais importantes polos industriais paraenses.

De acordo com levantamento realizado pela Fiepa, até 2020 serão investidos no Pará R\$ 160 bilhões, montante proveniente de investimentos da iniciativa privada, fator que reforça a importância de se investir na formação e no bem-estar da mão de obra local. Além disso, as obras de reforma e ampliação do

Sesi Paragominas foram importantes também para os funcionários da instituição que, agora, possuem um ambiente maior e melhor para desenvolverem as atividades.

“Nós que somos parte integrante do Sesi, temos a missão de prezar pela qualidade de vida do trabalhador da indústria. Mais do que proporcionar um ambiente confortável, a unidade de Paragominas, assim como as das demais regiões do Estado, primam por garantir melhorias na vida desses trabalhadores, dos seus dependentes e toda a comunidade”, diz José Olímpio Bastos, superintendente do Sesi no Pará.



📍 Centro de atividades com escola, área de saúde e piscina na unidade do Sesi em Paragominas: promoção da educação e lazer

ESPAÇO IMPORTANTE

Para o pedreiro Antônio Raimundo Santos Ferreira, de 29 anos, a unidade em Paragominas é mais do que um espaço de lazer. Ela também é um ambiente de integração familiar e de realização de objetivos.

“Trabalho durante a semana inteira e não tenho muito tempo para estudar. Graças as iniciativas do Sesi, consigo estudar aos finais de semana e manter viva a esperança de concluir meu ensino”, conta Antônio. A unidade já faz parte da rotina de Antônio há mais de dois anos. “Tudo é muito bonito e seguro”, diz o pedreiro.

Malúzia Fernandes, gerente do Sesi Paragominas, acredita que, ao promover ações ligadas ao esporte, à saúde e ao lazer, a instituição fortalece os vínculos com a comunidade e contribui para o desenvolvimento da sociedade local.

A obra reafirma o compromisso de construir um espaço cada vez melhor. “Agora vamos nos dedicar aos desafios futuros, trabalhando firme para garantir e preservar esse novo ambiente e os trabalhos desenvolvidos aqui”, adianta.

REFORMA VISA QUALIDADE

Buscando ampliar a unidade e melhorar a qualidade do atendimento, foram investidos mais de R\$5 milhões, recurso que se justifica pela relevância que o município possui no cenário econômico atual. Na região, que abarca também os municípios de Dom Eliseu, Ipixuna do Pará, Tomé-Açu e Ulianópolis, o Sesi atende 498 estabelecimentos industriais, responsáveis pela manutenção de mais de três mil vagas de trabalho. Atualmente, o Sesi Paragominas possui 12 salas de aula que recebem turmas dos ensinos Fundamental e Médio, inclusive com a Educação de Jovens e Adultos. As obras de expansão e melhorias chegaram ainda à área de lazer, com espaços de Esporte e Cultura que proporcionam qualidade de vida e bem-estar social. A área é composta por um vasto estacionamento, piscinas semiolímpicas e recreativas, campo para futebol society com arquibancada e iluminação, playground, quiosques com churrasqueira e lanchonete.

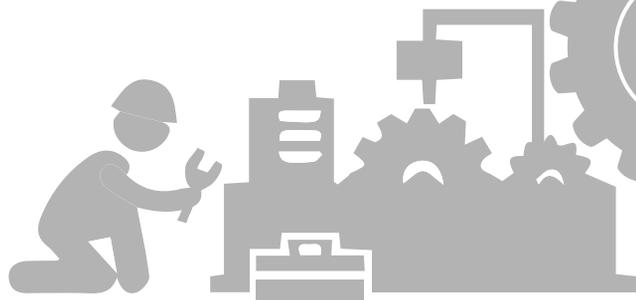
Outra obra importante é a Indústria do Conhecimento, contando com um espaço organizado

como centros multimeios, que possuem biblioteca (composto inicialmente com um acervo superior a mil livros), DVDteca, CDteca e acesso à internet, onde os usuários terão acesso à informação e apropriação do conhecimento. A premissa do projeto é de que, ao mesmo tempo em que promove a inclusão digital pelo acesso às TICs e à internet, melhore a qualidade da educação básica, à medida em que possibilita ao trabalhador e aos seus dependentes o acesso às fontes de informação estruturadas e diversificadas. ↩

APROVEITE PARA UTILIZAR OS ESPAÇOS DA UNIDADE, É NECESSÁRIA A COMPROVAÇÃO DE QUE O INTERESSADO É TRABALHADOR DA INDÚSTRIA OU DEPENDENTE. A EDUCAÇÃO INFANTIL E O ENSINO FUNDAMENTAL TÊM UM DIFERENCIAL. TRATA-SE DO CONVÊNIO COM A PREFEITURA, ONDE A COMUNIDADE PODE DESFRUTAR DA QUALIDADE DE ENSINO DENTRO DAS DEPENDÊNCIAS DO SESI.

VIDA CORPORATIVA

EMPRESAS INVESTEM EM ALTERNATIVAS PARA DRIBLAR DIFICULDADES E SE MANTER NO MERCADO



Ao que tudo indica, 2015 será um ano difícil para a economia brasileira. Especialistas avaliam a instabilidade em que o país se encontra como um momento de alerta e aconselham o ajuste financeiro para evitar danos aos negócios.

Mas é possível diminuir os custos sem causar impacto na produtividade do negócio e no bem-estar dos empregados? Algumas empresas comprovam que sim, como é o caso da Hydro Alunorte, refinaria de alumina sediada em Barcarena, nordeste do Pará.

“Aqui temos várias iniciativas que buscam a redução de custo. A principal delas é o programa B to A, que reúne uma série de iniciativas que visam a reutilização de produtos e alternativas para otimização da produção”, afirma Felipe Picanço, gerente geral de Sistemas da Qualidade. Ao incentivar o empregado em busca de novas soluções, o programa foi responsável pela economia de milhões de dólares em 2014.

Além do programa, o Seminário Interno de Oportunidades e Melhorias (Siom) também valoriza o empregado, ao premiá-lo por boas ideias implementadas nas áreas de saúde, segurança e meio ambiente, que refletem diretamente na eficiência dos processos e no aumento da produtividade. Os trabalhos são selecionados em dois fóruns anuais e os melhores são indicados ao Siom.

Premiado pelo sétimo ano consecutivo, o técnico em Mecânica, Emilio Carlos Neves é responsável por uma iniciativa que teve impacto direto no aumento da produção da fábrica. Baseado no mesmo princípio de elevação de um macaco, comumente usado para realizar a troca de pneus de carro, Emilio criou um aparelho que auxilia na troca, em um menor período de tempo, dos roletes das correias transportadoras –

equipamento utilizado para o transporte da bauxita. Em 10 minutos é possível trocar 21 roletes elevando a correia uma única vez.

Antes da invenção, o procedimento durava cerca de 40 minutos para a troca da mesma quantidade e era necessário uma força humana para elevar a correia várias vezes. “Em termos de produção o resultado é bastante significativo, porque as correias ficam menos tempo paradas. Mas não podemos esquecer também do aspecto da segurança, pois eliminamos o uso da força humana”, explica Emilio.

Com a excelência do equipamento, Emilio providenciou o registro da sua patente e, em 2009, foi convidado pelo médico do trabalho Hudson Couto, referência nacional no tema Ergonomia, para apresentar o equipamento no Congresso de Ergonomia, em Belo Horizonte (MG).



🕒 Flexibilidade no ambiente de trabalho e 14º salário são algumas das estratégias da Sol Informática para motivar trabalhadores

Manter os funcionários engajados é essencial para empresas que desejam sucesso nos negócios. Algumas atitudes simples como o ato de dar feedbacks, elogiar e oferecer flexibilidade de horário ajudam a inspirar os profissionais para a conquista de novas metas e do crescimento da empresa.

TRABALHADOR É A CHAVE PARA O SUCESSO NOS NEGÓCIOS

Parece difícil de acreditar, mas investir no empregado é a melhor forma de elevar a produção e de obter o crescimento dos negócios. É o que aponta uma pesquisa realizada pela Universidade de Warwick, no Reino Unido. O estudo mostra que empregados felizes aumentam a produtividade da empresa em até 12%, enquanto que os desmotivados tendem a diminuir a produtividade e elevar os custos.

“A função principal do empregador é manter o empregado motivado para que ele se sinta mais importante para a empresa, tornando-se mais eficiente e alcançando maiores resultados”, afirma a psicóloga Renata Dolzane, especialista em Gestão de Pessoas.

As estratégias para motivação podem incluir auxílio para educação, ajuda de custos e bonificações de acordo com a avaliação do desempenho do empregado. Promover viagens e auxílios para graduação e pós-graduação também são formas de incentivo. “Quando o colaborador percebe que a contratante está preocupada com o bem-estar e faz de tudo para que ele esteja satisfeito, a recíproca será verda-

deira, pois terá um profissional motivado em busca dos melhores resultados”, ressalta Dolzane.

O horário de trabalho pode ser visto como um diferencial. Em acaso de empresas que possuem foco em resultados, é interessante permitir a saída dos empregados mais cedo após concluir as atividades. Dessa forma, a empresa evita custos e beneficia o trabalhador. “Toda estratégia é válida, dependendo do segmento em que a empresa atua”, lembra a especialista.

Para a Imerys, mineradora que atua com caulim no Pará, as estratégias vão além do desenvolvimento dos empregados. “Nós oferecemos ajuda de custo para a educação do colaborador e dos seus dependentes, e também a participação nos lucros”, comenta Luziane Souza, analista de RH da empresa. A companhia investe em treinamentos, avaliações de desempenho e também em recrutamentos interno. “Dessa forma, aproveitamos os talentos que já existem aqui, e fortalecemos a confiança que temos em nossos colaboradores”, destaca Luziane.

Na Sol Informática, a principal preocupação é oferecer um ambiente flexível para o trabalho. A empresa já foi eleita como uma das melhores para se trabalhar. A aposta no diálogo e no respeito às pessoas foram fatores decisivos para a conquista. “Temos horário fechado, como qualquer empresa, mas também temos sensibilidade para tolerar atrasos e faltas, com justificativas acordadas previamente com o gerente”, explica Kelly Silveira, analista de Recursos Humanos.

O principal benefício da Sol é o décimo quarto salário. A medida, paga em janeiro, é reflexo do ano anterior, que depende da produtividade e do empenho dos empregados. Entre outros benefícios, a Sol dá ainda aos empregados a possibilidade de adquirir produtos da loja a preço de custo. ➡

Apps e startups: o futuro que já chegou

COMO A INDÚSTRIA DE APLICATIVOS E O CRESCIMENTO DO SETOR *MOBILE* SEGUE IMPULSIONANDO A ECONOMIA



Há uma década, ter acesso a redes sociais era o suprasumo da modernidade: todos conectados na rede, interagindo por meio de textos, fotos e vídeos. Ter conteúdo na mão, no celular ou no *tablet*, era um sonho distante. Mas logo ele se tornou possível, seja na forma de redes sociais virtuais, que consomem horas do dia para atualização de *status* e compartilhamento de informações, ou nos aplicativos que facilitam a nossa vida. E, então, uma mina de ouro surgiu: a indústria dos Aplicativos Móveis (os chamados *apps*).

No mercado mundial, é responsável por movimentar cerca de US\$ 25 bilhões e a previsão é que chegue

a US\$ 70 bilhões até 2017. A estimativa é da Associação das Empresas Brasileiras de Tecnologia da Informação de São Paulo (Assespro-SP), que aponta o Brasil em quinto lugar no *ranking* dos maiores *downloaders* (usuários que baixam aplicativos). Nesse cenário, é muito bem-vinda a criação de produtos que agregam, além do entretenimento, prestação de serviços e funcionalidade, desenvolvidos por pessoas que vivem aqui em nossa cidade e entendem as especificidades e necessidades de cada público.

De acordo com o diretor-presidente da Assespro-SP, Marcos Sakamoto, o segmento de aplicativos é muito novo no Brasil.



EM BELÉM, EXISTEM MICROS E PEQUENAS EMPRESAS COM MAIS DE 30 MIL SEGUIDORES EM PERFIS NO INSTAGRAM

O volume de negócios passou a ter expressividade a partir de 2012 e está se desenvolvendo com rapidez no setor de TI (Tecnologia da Informação), que vem crescendo acima da média das outras indústrias brasileiras.

“No início de 2014, ocorreu a primeira edição do *Startup Weekend* Belém, um desafio digital de empreendedorismo que reuniu o nosso grupo, formado por *nerds* que possuíam os *shift technology officer* (em livre tradução, escritório de tecnologia por turno), no caso, as *startups*, empresas que envolvem inovação e têm um modelo de negócios que ainda não foi validado pelo mercado de trabalho”, explica Adailton Magalhães Lima, um dos fundadores do Açai Valley, comunidade de *startups* paraenses criada durante o evento que, em sua primeira edição local, reuniu 100 pessoas, criando as bases para a formação do ecossistema de inovação.

O Açai Valley é composto por empreendedores – desenvolvedores e administradores –, em uma coalizão com Instituições de Ensino Superior (braço educacional e tecnológico, onde os *shift technology officer* funcionam), além de parceiros como Sebrae e os mentores – empresários experientes que prestam consultoria ou mesmo financiam uma *startup*. “O aplicativo *Easy Taxi* é um exemplo de inovação. No mercado daqui, com as cooperativas de táxi, não existia nada no Brasil que envolvesse prati-

cidade e qualidade, e ele trouxe isso. Depois surgiu como concorrente o 99 Táxis, que é outro modelo de negócio, não cobrando os taxistas por corrida e envolvendo parcerias comerciais”, exemplifica Adailton.

A inovação na forma de *startups* muitas vezes germina na sala de aula. Os jovens Hitoshi Seki Yanaguibashi, Rodrigo Cavalcante e Lilian Dias se conheceram na sala de aula, no curso de Ciências da Computação do Centro Universitário do Estado do Pará (Cesupa). E foi experimentando que eles deram os primeiros passos como empreendedores, desenvolvendo para o mercado aplicativos e soluções digitais nas plataformas Android e IOS (Mac). “Antes mesmo de nos formarmos, começamos uma *startup*, a *OnHands!*, especializada nesse tipo de serviço e encubada dentro da universidade. Com o tempo, fomos ganhando clientes próprios como a Assembleia Paraense e o Festival Osga e, por meio de parcerias, criando aplicativos sociais como o Qual é a Boa? e o Vitrô”, conta Lillian. Na empresa, os três se dividem não só no desenvolvimento de produtos, mas também no *marketing* e na prospecção de novos clientes, além de ministrarem cursos sobre o tema e oferecerem soluções em outros tipos de produtos.

A *OnHands!* alcançou o terceiro lugar na etapa regional do Desafio Brasil e vem se consolidando em Belém. Recentemente, eles desen-

DO VIRTUAL PARA O REAL

UM MODELO DE NEGÓCIOS É RASCUNHADO QUANDO SE INICIA UMA *STARTUP* E, PARA APRIMORAR ESSE MECANISMO, O DESENVOLVEDOR PODE PROCURAR O SEBRAE PARA ELABORAR UM PLANO DE NEGÓCIOS OU TER ACESSO A UMA LINHA DE FINANCIAMENTO ESPECÍFICA PARA DESENVOLVER A IDEIA. “OFERECEMOS A CONSULTORIA EM INOVAÇÃO E TECNOLOGIA PARA AGREGAR VALOR À CONSULTORIA DE *MARKETING* JÁ DESENVOLVIDA, SENDO QUE O DESENVOLVEDOR INVESTE APENAS 20% DO VALOR DA CONSULTORIA, FICANDO OS 80% A CARGO DO SEBRAE. POR MEIO DA MELHORIA DO APP E COM BAIXO INVESTIMENTO, ESPERASE QUE O RETORNO SEJA ELEVADÍSSIMO, POIS ESSA É A LINGUAGEM MAIS UTILIZADA HOJE EM DIA ENTRE OS CONSUMIDORES VIRTUAIS”, INFORMA CÁSSIA ALESSANDRA DA SILVA COSTA, COORDENADORA DO PROGRAMA SEBRAETEC PARÁ.



📍 **Rodrigo Cavalcante, Hitoshi Seki e Lilian Dias: trio criou a OnHands!, um modelo de negócios especializado em desenvolver aplicativos e soluções digitais para empresas.**

volveram o #Fototag, projeto que permite aos convidados de festas imprimir as imagens compartilhadas no Instagram, em papel fotográfico personalizado com a identidade do evento. Para isso, precisam apenas marcar suas fotos com a *tag* (palavra-chave usada para agrupar informações sobre determinado tema ou assunto) oficial do evento. O software do #Fototag reconhece e envia as imagens a um totem equipado com iPad e impressora, onde é possível escolher e imprimir na hora. “Já levamos para algumas feiras e eventos sociais e a receptividade foi boa. Quando reunimos com um novo cliente, sempre tentamos entender quais as necessidades dele para propor um aplicativo que depois ele possa utilizar com facilidade e alavancar o negócio de forma estratégica”, ressalta Hitoshi.

CIDADANIA NO MUNDO DIGITAL

Com o desenvolvimento de sistemas capazes de facilitar o dia a dia dos paraenses, a Empresa de Pro-

“**É na disseminação de novas tecnologias, onde cada vez mais as pessoas têm acesso à telefonia móvel com recursos de interatividade, que vemos espaço para crescer. Quando elaboramos os aplicativos em parceria e conseguimos um bom número de downloads, é uma prova de que estamos no caminho certo.**”

RODRIGO CAVALCANTE, UM DOS SÓCIOS DA ONHANDS!

cessamento de Dados do Pará (Prodepa) trabalha para garantir a inclusão social. Os *apps* têm sido fundamentais para isso. “Estamos utilizando a tecnologia como uma ferramenta de cidadania, para que o cidadão possa fiscalizar e saber como o governo atua e de que forma alguns serviços podem facilitar

a sua rotina”, como explica Odlaniger Lourenço Monteiro, diretor de Desenvolvimento de Sistemas da Prodepa.

Lourenço lidera uma equipe que envolve oito desenvolvedores de aplicativos, que seguem aperfeiçoando sistemas voltados para a utilidade pública, como é o caso da Delegacia Virtual e do Portal da Transparência, todos disponíveis na versão para plataformas móveis. Atualmente, a Prodepa aperfeiçoa nove sistemas. Uma solução fundamental nesse sentido é o *app* Governo Digital, lançado no final do ano passado. “Nele, nos temos órgãos como o Corpo de Bombeiros, a Secretaria de Segurança Pública e a Cosanpa em uma conexão direta com o cidadão, que pode mandar fotos e textos sobre ocorrências e notificar problemas, tendo a garantia de que receberá um retorno breve”, pontua o diretor.

A Prodepa também criou *apps* como o Kdaberlinda?, que ajuda a localizar, via georeferenciamento, a berlinda que leva a imagem de Nossa Senhora de Nazaré durante o Círio. Além disso, a empresa desenvolveu sistemas pioneiros como o Legs-Pará, um *app* de consulta sobre as leis do Estado. Para o futuro, a ideia é incluir as legislações municipais.

CLUBE DA INCLUSÃO SOCIAL

No Brasil, mais de 46 milhões de pessoas vivem com algum tipo de deficiência, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Se somarmos a cada uma delas apenas um pai, uma mãe e um amigo, se obtém um resultado espantoso: quase toda a população do país tem interesse direto ou indireto na inclusão social.

O empreendedor Alex Ramôa está nesse grupo. Em 2010, o filho caçula, Pedro, nasceu com Síndrome de Down. “Foi um impacto muito grande, principalmente porque sabíamos muito pouco a respeito. Enfrentamos o medo do que poderia acontecer com ele, as possíveis complicações, a falta de boas indicações de especialistas e tudo mais. Havia informações na internet, mas nada organizado e tudo muito desconstruído. Foi um período bem difícil.”

As adversidades foram superadas, mas a experiência plantou um desejo na cabeça de Ramôa: ajudar outras pessoas que passam por situações semelhantes. Assim, em 2014, ele submeteu sua ideia ao *Star-*

tup Weekend Belém e lá nasceu o *inClub*, *startup* focada no desenvolvimento de soluções para que pessoas com deficiência, seus familiares e amigos possam se encontrar e trocar experiências. O projeto não só venceu o evento, como saiu com muito apoio e uma equipe disposta a torná-lo realidade.

“Como prêmio pela vitória viajamos à Brasília para participar do *BRAPPS - Brazilian Applications Seminar*, maior evento de tecnologia móvel da América Latina. E lá o *inClub* obteve 100% de aprovação e até alguns investidores interessados em ajudar mais à frente, quando o projeto estivesse mais maduro”, enfatiza. Hoje, a *startup* desenvolve sua plataforma *web e mobile* que vai permitir, entre outras coisas, a indicação de profissionais e serviços especializados.

Segundo Adailton Magalhães, já há no Brasil modalidades de financiamento para inovação, para plataformas como o *inClub* e outras iniciativas semelhantes. “Existem editais estaduais que escolhem projetos, ideias ou *startups* e onde se monta uma estrutura que envolve consultorias para fazer o negócio deslançar”, acrescenta o empresário. 

PERFIL DO USUÁRIO DE APPS



Fonte: Site do IPE (Internet para Empreendedores)

“ Fizemos uma pesquisa on-line durante 5 dias e mais de 700 pessoas de todo o país se interessaram pela plataforma. Queremos entregar uma primeira versão ainda neste semestre.”

ALEX RAMÔA, EMPREENDEDOR





Capacitação para o mercado de trabalho

EMPRESAS EXIGEM NOVAS HABILIDADES E PROFISSIONAIS PRECISAM SE ADAPTAR PARA CONQUISTAR UMA VAGA E CONSOLIDAR A CARREIRA



“Hoje o mercado absorve profissionais que, além da parte técnica, precisam saber lidar com as suas emoções, trabalhar em equipe e gerenciar crises.”

MATIÊ CORÔA, ESTUDANTE DE DIREITO

Em um mundo onde o conhecimento é acessível a todo o instante, habilidades podem ser desenvolvidas de formas diferentes por metodologias pedagógicas. E a demanda que surge no mercado pede um profissional que entrega resultados diferenciados, em processos distintos, trabalha em equipe e possui um tremendo sentido de prontidão. Tanta versatilidade exige, de quem dá os primeiros passos na carreira, uma formação mais competitiva, tanto em habilidade quanto em atitudes. Foi pensando em preparar melhor os jovens que o Instituto Evaldo Lodi (IEL), da unidade Pará, lança, ainda neste primeiro semestre, minicursos e oficinas que vão trabalhar temas comportamentais, cada vez mais apreciados nas organizações.

De acordo com Nara Oliveira, psicóloga e diretora da Gestor Consultoria, o caso dos trabalhadores da indústria, onde os processos são mais estáveis, há atributos bem específicos do setor. “O ambiente corporativo é cada vez mais exigente e os profissionais precisam saber conviver em um ambiente matricial [múltiplo] e desenvolver a capacidade de trabalhar em equipe”, comenta. “Já o profissional de varejo precisa saber trabalhar com múltiplas demandas simultâneas, possuir uma forte capacidade de comunicação em todos os níveis, ter capacidade de leitura de cenários e ser rápido no agir, muito rápido”, exemplifica.

Nara apoia a iniciativa do IEL-PA, por acreditar no fortalecimento da formação dos jovens recém-ingressados no mercado, que estão investindo em um segundo idioma e em buscar desenvolver habilidades, com o auxílio de profissionais experientes capazes orientar a construção de uma carreira de sucesso.

COACHING DE CARREIRA

“É propriamente o jovem que, por meio do *coaching* do [profissional] sênior, liderará as empresas em busca da manutenção da competitividade das organizações brasileiras e, por que não, das paraenses?”, ressalta a psicóloga Nara Oliveira. No caso do estudante de Direito Matiê Corôa, 16 anos, fazer o curso de “*Coaching* de Carreira” foi fundamental para decidir a profissão e ter segurança para seguir os objetivos traçados. Matiê precisava desenvolver algumas habilidades, entre elas o poder de decisão. “Eu queria ter certeza sobre a minha carreira e fazer o curso foi essencial para me transformar numa pessoa mais decidida. Melhorei em muitos outros aspectos. Hoje, me sinto seguro, melhorei meu relacionamento com os amigos e estou preparado para a vida universitária e, futuramente, para a profissional”, destaca.

Matiê já planeja fazer o curso “Como Falar Bem em Público” e outros. “É preciso saber aonde se quer chegar e seguir focado nos objetivos. Hoje o mercado absorve profissionais que, além da parte técnica, precisam saber lidar com as suas emoções, trabalhar em equipe e gerenciar crises”, define o estudante.

Para Aline Barros, psicóloga do IEL-PA, na maioria dos casos, os jovens possuem muito conhecimento técnico, mas ainda precisam aprimorar comportamentos que estejam em sintonia com o mercado e com as rotinas das empresas. “[Alguns] não sabem se comportar no trabalho, não sabem se comunicar, nem lidar com as próprias emoções e reações”, aponta. ➔



“É muito importante trabalhar a comunicação, o controle emocional e todos os aspectos que nos deem segurança para agir certo, na hora certa.”

TAYANNE BASTOS, ESTUDANTE DE PEDAGOGIA QUE TRABALHA COM CRIANÇAS

ENTENDENDO O OFÍCIO

Para quem trabalha com crianças, por exemplo, e lida diariamente com emoções que envolvem não só os alunos, mas também os pais, procurar capacitação na área comportamental é essencial para evoluir profissionalmente. Tayanne Bastos, 21 anos, está concluindo o curso de Pedagogia e faz estágio no ensino fundamental de uma escola. No dia a dia de trabalho, ela precisa de equilíbrio emocional para se relacionar com os pequenos. Em alguns casos, a função desem-

penhada por Tayanne requer uma dose extra de paciência e cuidado como o de crianças especiais, pais inseguros em deixar seus filhos na escola, alunos que vêm de outros estados ou estão indo embora por causa da separação dos pais.

“É preciso ter delicadeza e estar emocionalmente preparado para lidar com as diferenças, dar segurança aos pais e saber educar cada criança, a partir da sua particularidade. Por isso, é muito importante trabalhar a comunicação, o controle emocional e todos os aspectos que nos deem segurança para agir certo, na hora certa”, avalia a universitária Tayanne. ☑

CURSOS

Os minicursos e oficinas têm baixo custo e ocorrem no próprio IEL/PA. As atividades também podem ser contratadas por empresas que investem na capacitação dos estagiários, visando prepará-los para uma futura contratação. Postura Profissional, Inteligência Emocional, Relacionamento Interpessoal, Comunicação e Gestão do Tempo são alguns dos temas abordados.



Formação profissional que conecta você ao conhecimento

O SENAI está investindo aproximadamente R\$ 8 milhões em reforma, ampliação e aquisição de novos equipamentos para o Centro de Desenvolvimento da Amazônia (CEDAM). A unidade ganhará um novo bloco administrativo, ampliará as oficinas de mecânica diesel e de motos e receberá um novo espaço para abrigar a área automotiva, tornando o CEDAM um Centro de Referência Automotivo. O espaço também terá mais um pavimento com novas salas de aula e o laboratório de gemas e joias. **Estes investimentos irão duplicar a capacidade de formação profissional desta unidade, contribuindo ainda mais para o desenvolvimento da indústria e do Pará.**

Conheça os cursos do SENAI
www.senaipa.org.br 

 **SENAI**
Uma iniciativa da Indústria Paraense

☞ **Sindicato da Indústria de Fiação e Tecelagem em Geral do Estado do Pará – Sinditec**

Presidente: Flávio Junqueira Smith
(91) 3230-3721
flavio@castanhal.com.br
www.sindindustria.com.br/sinditecpa

☞ **Sindicato das Indústrias Madeiras do Vale do Acará – Simava**

Presidente: Oseas Nunes de Castro
(91) 3727-1512 / 3727-1016
madeireirama@southmail.com
www.sindindustria.com.br/simavapa

☞ **Sindicato das Indústrias Gráficas do Oeste do Pará**

Presidente: Antônio Djalma Vasconcelos
(93) 9121-6220
djasvascon@yahoo.com.br
www.sindindustria.com.br/sigepa

☞ **Sindicato das Indústrias Gráficas do Estado do Pará – Sigepa**

Presidente: Carlos Jorge da Silva
(91) 4009-4985 / 3241-5744
sigepa@globocom / sigepa@fiepa.org.br

☞ **Sindicato da Indústria de Confeccões de Roupas e Chapéus de Senhora do Estado do Pará – Sindusroupa**

Presidente: Rita Arêas
(91) 4009-4872
sindusroupa@yahoo.com.br
www.sindindustria.com.br/sindusroupa

☞ **Sindicato da Indústria de Marcenaria do Estado do Pará – Sindmóveis**

Presidente: Neudo Tavares
(91) 3212-3318
sindmouveis@fiepa.org.br
www.sindindustria.com.br/sindmouveispa

☞ **Sindicato da Indústria de Azeite e Óleos Alimentícios do Estado do Pará – Sinolpa**

Presidente: Antônio Pereira da Silva
(91) 4009-8000 / 4009-8004 / 3258-0001
apereira@agropalma.com.br
www.sindindustria.com.br/sinolpa

☞ **Sindicato da Ind. Metalúrgica, Mecânica e de Mat. Elétrico do Estado do Pará – Simepa**

Presidente: Marcos Marcelino de Oliveira
(91) 3223-7146 / 3242-7107
simepa@simepa.com.br
mrmarcos@marcosmarcelino.com.br
www.sindindustria.com.br/simepa

☞ **Sindicato das Indústrias de Mármore e Granitos do Estado do Pará**

Presidente: Ivan Palmeira Anijar
(91) 3210-8800 / 3210-8843
ivanijar@marmobraz.com.br

☞ **Sindicato da Indústria de Pesca do Estado do Pará – Sinpesca**

Presidente: Armando José Romaguera Burl
(91) 3241-4588 / 3241-2101
sinpesca@interconnect.com.br
sinpesca@fiepa.org.br
www.sindindustria.com.br/sinpescapa

☞ **Sindicato da Indústria de Calçados do Estado do Pará**

Presidente: Jaime da Silva Bessa
(91) 3224-6621
jaimebessa@hotmail.com

☞ **Sindicato da Ind. de Madeira de Jacundá – Simaja**

Presidente: Jonas de Castro
(94) 3345-1224 / 3345-1186

☞ **Sindicato da Indústria da Construção Civil do Estado do Pará – Sinduscon**

Presidente: Marcelo Gil Castelo Branco
(91) 3241-4058 / 3212-0132 / 4009-4988 / 3241-3763
secretaria@sindusconpa.org.br
www.sindindustria.com.br/sindusconpa
www.sindusconpa.org.br

☞ **Sindicato da Ind. de Serr., Carp. Tan. Mad. Compensadas de Marabá – Sindimar**

Presidente: João Batista Corrêa Filho
Rua Nagib Mutran, 395 – Cidade Nova
68501-570, Marabá (PA)
www.sindindustria.com.br/sindimarpa

☞ **Sindicato da Indústria de Panificação do Estado do Pará – Sippa**

Presidente: Elias Pedrosa
(91) 3222-5140 / 3241-1052
sippa@fiepa.org.br
www.sindindustria.com.br/sippa

☞ **Sindicato da Ind. Metalúrgica, Mecânica e de Material Elétrico de Construção e Região Norte e Nordeste – Simenepa**

Presidente: Nelson Tauro Oyama Kataoka
(91) 3721-3835 / 3711-0868
simenepa@hotmail.com / delegaciastanhal@fiepa.org.br
www.sindindustria.com.br/simenepa

☞ **Sindicato da Indústria da Construção Naval do Estado do Pará – Sinconapa**

Presidente: Fábio Ribeiro de Azevedo Vasconcelos
(91) 3224-4142 / 4009-4981
fabio.sinconapa@fiepa.org.br / sinconapa@fiepa.org.br
www.sindindustria.com.br/sinconapa

☞ **Sindicato da Indústria de Bebidas do Estado do Pará**

Presidente: Juarez De Paula Simões
(91) 3201-1500 / 3201-1508
juarez.simoes@gruposisimoes.com.br
www.sindindustria.com.br/sindbebidaspa

☞ **Sindicato da Indústria de Serr. Tan. Mad. Comp. de Mad. de Paragominas – Sindiserpa**

Presidente: Mario Cesar Lombardi
(91) 3011-0053
sindiserpa@nortnet.com.br
www.sindindustria.com.br/sindiserpa

☞ **Sindicato da Indústria de Palmitos do Estado do Pará – Sindipalm**

Presidente: Fernando Bruno C. Barbosa
(91) 3225-1788 / 4009-4883
sindipalm@fiepa.org.br
www.sindindustria.com.br/sindipalm

☞ **Sindicato da Ind. de Benef. de Arroz, Milho, Mand. Soja, Cond. e Rações Bal. do Estado do Pará**

Presidente: Paulo Roberto Mendes
(91) 3222-0339
moinhoesperanca@hotmail.com

☞ **Sindicato da Indústria de Olaria Cerâmica para Construção e de Artefatos de Cimento a Armado do Estado do Pará – Sindolpa**

Presidente: Lisio dos Santos Capela
(91) 3241-0349
lscapela@gmail.com

☞ **Sindicato da Indústria de Madeira de Tucuruí e Região – Simatur**

Presidente: Angelo Colombo
simatur@mcoline.com.br

☞ **Sindicato da Ind. de Preparação de Óleos Vegetais e Animais, Sabão e Velas do Estado do Pará**

Presidente: Luiz Otávio Rei Monteiro
(91) 3204-1400/1401 / 3204-1430
smdist@amazon.com.br
vendas@grupostamaria.com.br

☞ **Sindicato da Ind. de Produtos Químicos, Farm. e de Perfumaria e Artigos de Toucador do Estado do Pará – Sinquifarma**

Presidente: Nilson Monteiro De Azevedo
(91) 3241-8176 / 4009-4876
nilson@fiepa.org.br
www.sindindustria.com.br/sinquifarmapa

☞ **Sindicato das Indústrias de Biscoitos, Massas, Café (Torrefação e Moagem), Salgadinhos, Substâncias Aromáticas, Doces e Conservas Alimentícias, Laticínios e Produtos Derivados do Estado do Pará**

Presidente: Helio De Moura Melo Filho
(91) 3711-0868
siapa@linknet.com.br / helio@hilea.com.br
www.sindindustria.com.br/siapa

☞ **Sindicato da Agroindústria Tabagreira do Estado do Pará – Saitepa**

Presidente: José Joaquim Diogo
(91) 4009-4871
www.sindindustria.com.br/saitepapa

☞ **Sindicato da Ind. de Serr. Tan. de Mad. Comp. e Lam. de Belém e Ananindeua**

Presidente: Cezar Remor
(91) 3242-4081 / 4009-4878 / 3242-7342
sindimade@sindimade.com.br
www.sindindustria.com.br/sindimadpa

☞ **Sindicato da Carne e Derivados do Estado do Pará – Sindicarne**

Presidente: Dalberto Uliana
(91) 3225-1128 / 4009-4886
sindicarnepa@sindicarne-pa.com.br
www.sindindustria.com.br/sindicarnepa

☞ **Sindicato da Indústria Madeireira de Dom Eliseu – Simade**

Presidente: Rogério Bonato
(91) 3335-1142

☞ **Sindicato da Indústria Cerâmica de São Miguel do Guamá e Região – Sincider**

Presidente: Antônio Aécio Miranda
(91) 3446-2564 / 3446-1184
sicomsmsg@hotmail.com
www.sindindustria.com.br/sicompa

☞ **Sindicato da Ind. Madeireira e Moveleira de Tailândia – Sindimata**

Presidente: João Batista Medeiros
(91) 3752-1233 / 3752-1309
sindimata@lidnet.com.br
www.sindindustria.com.br/sindimatapa

☞ **Sindicato da Ind. da Construção e do Mobiliário de Castanhal**

Presidente: Roberto Kataoka Oyama
(91) 3721-3835 / (91) 3711-0804
delegaciastanhal@fiepa.org.br / regina.cast@fiepa.org.br
www.sindindustria.com.br/sicmcpa

☞ **Sindicato da Ind. de Serraria, Tanoaria de Madeiras Compensadas e Laminados do Arquipélago do Marajó – Simmar**

Presidente: Deajar Francisco De Oliveira
(91) 3783-1228
org.contaibei@bol.com.br
www.sindindustria.com.br/simmarpa

☞ **Sindicato da Ind. de Reparação de Veículos e Acessórios do Estado do Pará – Sindirepa**

Presidente: André Luiz Ferreira Fontes
(91) 3254-5826 / 3244-8844
tecnover2@yahoo.com.br
www.sindindustria.com.br/sindirepa

☞ **Sindicato da Ind. de Frutas e Derivados do Estado do Pará – Sindifrutas**

Presidente: Solange Motta
(91) 3212-2619
sindifrutas@fiepa.org.br
www.sindindustria.com.br/sindifrutasp

☞ **Sindicato da Ind. de Madeira do Baixo e Médio Xingu – Simbax**

Presidente: Renato Mengoni Junior
(93) 3515-3077
simbaxaltamira@yahoo.com.br

☞ **Sindicato das Indústrias de Ferro-gusa do Estado do Pará – Sindiferpa**

(91) 3241-2396 / 2347 / 4009-4884
anaclaudia@sindiferpa.com.br
www.sindindustria.com.br/sindiferpa

☞ **Sindicato das Indústrias Mineraias do Estado do Pará – Simineral**

Presidente: José Fernando Gomes Junior
(91) 3230-4066
presidencia@simineral.org.br
www.sindindustria.com.br/simineraisp

☞ **Sindicato das Indústrias de Laticínios do Estado do Pará**

Presidente: Frederico Vendramini Nunes Oliveira
(94) 3322-1953
sindiletepa@hotmail.com
www.sindindustria.com.br/sindiletepa

PRÊMIO IEL DE ESTÁGIO



O Prêmio IEL de Estágio quer reconhecer e premiar suas boas ideias

Participe e ajude o mercado paraense a ser mais competitivo.

Quem pode participar?

Estudantes que tem estágio regulamentado pelo IEL (ensino superior e técnico).

Inscrições até 22 de maio, pelo site www.iel-pa.org.br

Mais Informações:

(91) 4009-4717 / 4737

convenio.iel@fiepa.org.br



Uma iniciativa da Indústria Paraense



XII FEIRA DA INDÚSTRIA DO PARÁ

De 6 a 9 de maio de 2015 | Hangar

INOVAÇÃO E SUSTENTABILIDADE



Visite o maior evento de exposição da indústria do Pará e conheça as práticas sustentáveis e inovadoras que garantem maior competitividade para o setor. Participe também de uma ampla programação com:

- Talk show
- Outorga da Medalha do Mérito Industrial Simão Miguel Bitar
- Workshop
- Seminário
- Arena do conhecimento
- 15 anos da Redes
- Encontro de negócios

Para garantir sua participação antecipada, acesse www.fiepa.org.br/fipa2015

Abertura: 6 DE MAIO | HANGAR | 17h

ORGANIZAÇÃO:



CO-REALIZAÇÃO:



REALIZAÇÃO:



INGRESSOS: R\$ 10,00

APOIO:



PATROCÍNIO:

